UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA
JAPONESA

TAKESHI SUZUKI

Legado Português na Cultura Japonesa :
as Artes, as Ciências, os Artefatos, as Comidas, as Palavras... e o *Teppō*

São Paulo
Versão corrigida 2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA
JAPONESA

**Legado Português na Cultura Japonesa:
as Artes, as Ciências, os Artefatos, as Comidas, as Palavras... e o *Teppō***

TAKESHI SUZUKI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras

Orientadora: Prof^a Dr^a Eliza Atsuko Tashiro Perez

São Paulo
Versão corrigida 2018

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

SUZUKI, TAKESHI
S9681 Legado Português na Cultura Japonesa: as Artes, as Ciências, os Artefatos, as Comidas, as Palavras e ... o Teppo / TAKESHI SUZUKI ; orientadora ELIZA TASHIRO PEREZ. - São Paulo, 2018.
100 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de concentração: Língua, Literatura e Cultura Japonesa.

1. cultura japonesa. 2. Influência cultural portuguesa. 3. história do Japão medieval. 4. armamento. 5. teppo. I. TASHIRO PEREZ, ELIZA, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar os meus agradecimentos são destinados à Profa. Eliza Atsuko Tashiro Perez, minha orientadora, que com seu carinho, conduziu-me a trilhar os caminhos da minha nova área de estudos, de cultura japonesa, empenhando com sua sabedoria, conhecimento e experiência para conclusão do meu mestrado.

Dirijo também os meus sentimentos de gratidão à minha Família, esteio e razão de minha existência, que sempre tem me incentivado, positivamente, nas empreitadas de que tenho participado.

Embora poucos, mas verdadeiros, dedico os meus agradecimentos aos amigos que sempre me encorajaram a seguir em frente, dentro de minhas limitações físicas, mentais para o bom desencargo desta missão e galgar mais um patamar dentro de minha formação pessoal.

Não posso deixar de lembrar o valioso suporte recebido de inúmeras pessoas, seja no Brasil ou no Japão, quando da busca de dados, de informações, como professores, bibliotecárias, atendentes de museus, colegas de pós-graduação, amigos anônimos, que contribuíram para consolidar o presente trabalho.

Agradeço a oportunidade que me foi concedida pela Universidade de São Paulo em poder voltar novamente aos bancos acadêmicos, depois de minha graduação em engenharia e na condição de aposentado profissionalmente, para estudar a rica cultura japonesa, nas suas diversas formas e servir de elo de ligação para com japanófilos, na transmissão de conhecimentos que foram assimilados e que abriram os horizontes de maior aprofundamento.

RESUMO

Este trabalho apresenta o quadro da época da chegada dos portugueses no Japão e da sua ação por quase um século em terras nipônicas. A Europa dos séculos XV e XVI era o centro da civilização ocidental, e os portugueses, espanhóis e italianos ocupavam a posição de destaque de controladores e donos do comércio com o oriente médio e a China, via Mar Mediterrâneo e por terra. Os portugueses e os espanhóis, grandes navegadores, ao se aventurarem pelo mar, foram descobrindo e conquistando novas terras e obtendo com isso grandes vantagens de comércio e de divisas.

Por outro lado, o Japão, arquipélago isolado e imerso em guerras civis, com muitos conflitos, não tinha a integração de suas unidades, e o desfecho da unificação dos reinos acabou ocorrendo com a ação dos grandes senhores suseranos, os *daimyō* Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi.

Os primeiros portugueses – mercadores e missionários – que aportaram no Japão nessa época, por muitos chamada de “Grandes Navegações”, encontraram o Japão sob o domínio de Nobunaga e Hideyoshi. O primeiro era receptivo, tolerante e pragmático, não se envolvia com a crença, mas servia-se da religião como instrumento para auferir resultados vantajosos desta relação com os portugueses. À primeira vista, o catolicismo foi bem aceito pelas autoridades, por sacerdotes xintoístas e budistas e, conseqüentemente, também pela comunidade em geral, pois os preceitos do budismo eram julgados coerentes com os “Dez Mandamentos” pregados pela Igreja cristã.

Posteriormente, com o passar do tempo, os monges budistas e xintoístas sentiram seu espaço ameaçado pela expansão do catolicismo e muitos atritos ocorreram envolvendo adeptos das facções religiosas. As autoridades, sentindo a inconveniência das ações dos católicos e ajudadas pela interferência dos holandeses – que haviam ganhado a simpatia dos japoneses –, conseguiram tirar os comerciantes portugueses do caminho, assegurando a exclusividade do comércio juntamente com os chineses, alegando que os ibéricos estariam tramando a tomada do país por meio da disseminação da religião católica.

Com isso o governo japonês vetou qualquer atividade religiosa católica no país, promovendo a expulsão de todos os portugueses, espanhóis e italianos, envolvidos ou não com a religião.

Apesar de a estada dos portugueses ter sido limitada a 96 anos, este trabalho ressalta o mérito das ações realizadas pelos mercadores e pelos missionários que deixaram um legado importante para os japoneses de então, bem como para as gerações seguintes,

servindo de base para outras contribuições que viriam dos holandeses e chineses, que ocuparam o espaço dos retirantes latinos.

De todas as contribuições efetuadas pelos portugueses e que influenciaram a cultura japonesa, a que mais impactou na política e na sociedade japonesa foi realmente a introdução das armas de fogo, as espingardas, cujo desdobramento deu outro rumo para a história do Japão.

Palavras-chave: influência cultural portuguesa; História do Japão Medieval; armamento; *teppō*.

ABSTRACT

This thesis presents a state when Portuguese arrived in Japan, and their actions for almost a century in Japanese land. At that time, Europe was the center of occidental civilization and Portuguese, Spanish and Italians were leaders as market controllers and masters of Middle East and China zones, by Mediterranean Ocean and by land. Portuguese and Spanish, great navigators explored the oceans, discovering and conquering new lands obtaining huge benefits in trade and money.

At the other hand, Japan, an isolated archipelago and under civil wars with many conflicts, with no integration of their unities, the unification only were be able to be achieved by actions of great lords as Oda Nobunaga and Toyotomi Hideyoshi. When the first Portuguese, merchants and missionaries, ashored Japan, the country was under Nobunaga and Hideyoshi domain, the first one, who welcomed them but not concerning with religion affairs, only shown interests in beneficial gains relating with them. In a first moment, the catholicism was accepted by Government officials and shinto and buddhist priests , consequently also by the people, because it was thought that catholic precepts were coherent with buddhist ones. Lately, buddhist and shinto priests felt a fear with the expansion of catholicism, and troubles started to occur within religion groups. Government officials also feeling the inconvenience of actions of catholic priests and aided by Dutchmen interference, interested in keeping away the Portuguese merchants, gained confidence of Japanese Government officials, alleging that they were attempting to subjugate the people by dissemination of catholicism. Due to that, any catholic religion activity was banned, ending with the expulsion of all Portuguese, Spanish and Italians, missionaries or not.

In spite the stay of Portuguese in Japan was limited to 96 years, it's showed the merit of works developed by merchants and missionaries, who left an important heritage to Japanese people, as well as for following generations as base for other foreign contributions, as Dutchmen or Chinese. For all contributions made by Portuguese, that so influenced Japanese culture and the most impact caused was really the introduction of firearms that promoted another course of the Japanese History.

Keywords: portuguese cultural influence; History of Medieval Japan; guns; teppō

SUMÁRIO	
AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO.....	5
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – ASPECTOS HISTÓRICOS DO JAPÃO NOS PERÍODOS KAMAKURA, MUROMACHI E AZUCHI-MOMOYAMA	12
1.1 Cenário da História do Japão	13
1.2 Guerra de Ōnin.....	16
1.3 Gekokujō (ascensão “dos de baixo”)	18
1.4 Guerras civis do Sengoku Jidai ou Período das Guerras.....	20
1.5 Religião no Japão.....	23
CAPÍTULO 2 – ASPECTOS HISTÓRICOS DAS GRANDES NAVEGAÇÕES DE PORTUGAL E DOS PORTUGUESES NO JAPÃO	26
2.1 Cenário do Império colonial português	27
2.2 Chegada dos portugueses no Japão	30
2.3 Comércio português com o Japão	32
2.4 Evangelização dos missionários no Japão	36
2.5 Proibição das atividades religiosas e comerciais dos portugueses no Japão....	43
CAPÍTULO 3 – CONTRIBUIÇÕES PORTUGUESAS TRANSMITIDAS AOS JAPONESES	46
3.1 Contribuições culturais dos portugueses em sua permanência no Japão.....	47
3.2 Legado dos portugueses no cotidiano japonês.....	57
CAPÍTULO 4 – AS ARMAS DE FOGO NO JAPÃO	63
4.1 O papel e a importância das espingardas introduzidas no Japão	64
4.2 Origens das armas de fogo no Japão.....	68
4.3 Assimilação da técnica do <i>teppō</i> e sua aplicação na unificação do Japão.....	72
4.4 Produção e utilidade das armas de fogo no Período Edo	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
BIBLIOGRAFIA.....	85
ANEXOS.....	89
CRONOLOGIA	90
GLOSSÁRIO.....	94
LISTA DE FIGURAS	99
LISTA DE QUADROS.....	100

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa expor e acompanhar a presença portuguesa no território japonês no período de 1543 a 1639, a sua influência na vida dos japoneses de então e o seu desdobramento até os dias de hoje. Razões políticas, sociais, culturais e tradicionais, como, por exemplo, as religiões xintoísta e budista, além de interesses comerciais, impediram a implantação da cultura ocidental latina, bem como seu avanço e consolidação pelo país, apesar da permanência dos missionários de 1549 a 1639.

Entretanto, mesmo com os empecilhos, a convivência muito próxima com os japoneses, no dia a dia, por meio da religião e dos afazeres cotidianos, permitiu transmitir algo da cultura ocidental, via portugueses, espanhóis e italianos, os quais ditavam as artes, as ciências e os costumes da civilização ocidental da época, e provocar grande impacto na sociedade do Japão.

Meu interesse foi também de enriquecer meus poucos conhecimentos neste tópico da história da cultura japonesa. A princípio pensei em levar o foco do trabalho às armas de fogo dentro das intervenções realizadas pelos ibéricos em terras japonesas. Uma das razões desta escolha tinha sido o meu envolvimento com o mosquetão, como militar de artilharia na juventude. Tal arma, como usada pelo Exército Brasileiro, fora introduzida no Japão pelos portugueses. No decorrer da pesquisa, chegou-se à conclusão de que a herança cultural com o uso da arma, transmitida pelos ibéricos, tendo à frente os portugueses, foi relevante e importante para os destinos do Japão.

Apesar de descendente de japoneses, com bagagem incipiente de cultura japonesa, sinto-me recompensado por ter tido a oportunidade de entrar na cultura japonesa, por meio dos cursos e dos professores de língua, literatura e cultura japonesa da Universidade de São Paulo, para saciar o desconhecimento sobre a rica cultura dos ancestrais.

No levantamento das fontes de consulta e de estudo, verificou-se que existem muitos autores de várias origens abordando estes assuntos. Além da consulta de materiais gráficos, em livros e outras publicações, tive a oportunidade de visitar museus e bibliotecas de instituições de Nagasaki e Tóquio. A cidade de Nagasaki, por exemplo, foi concebida pelos portugueses e serviu de base de comércio e de evangelização. Aí, nota-se sinais da sua presença na alimentação, na vida religiosa e nas artes. Percebe-se ainda que as heranças portuguesas já estão muito arraigadas no povo, fazendo parte do dia a dia dos habitantes de hoje, que desconhecem as suas origens e

que se confundem com as influências dos holandeses que ali permaneceram, por mais tempo, de 1600 a 1868.

A dissertação está constituída de duas partes temáticas, expostas ao longo de quatro capítulos. Nesse sentido, os dois primeiros capítulos reúnem a narrativa da história política e social do Japão, dos períodos denominados Kamakura, Muromachi e Azuchi-Momoyama na historiografia japonesa. E de Portugal, da fase das grandes navegações e, conseqüentemente, da expansão comercial d'além mar, da chegada ao Japão, da atuação missionária das ordens católicas, principalmente de jesuítas da Companhia de Jesus, e, por fim, da sua expulsão do arquipélago. Nos dois capítulos finais tratou-se dos resultados diretos e indiretos que geraram o contato dos comerciantes lusitanos e missionários jesuítas, representantes da expansão imperialista lusitana e depois ibérica no extremo oriente, com as autoridades e as populações japonesas.

No Capítulo 1, registra-se a ascensão da classe dos samurais ao poder, constituindo o xogunato, ou seja, um governo militar, em paralelo ao da Corte imperial e dominante sobre ela. Apontou-se a derrocada do governo e da vida imperial-aristocrática, e o processo de ocupação pelo *bushi*, classe dos samurais ou militares guerreiros, do comando político-administrativo do país, decurso que durou cerca de 300 anos, até se consolidar a unificação e a centralização do poder. O Capítulo 1 mostra ainda o panorama da história política e social do Japão, então desestruturado, com anarquia, desde que a classe de samurais ascendeu ao poder, formando o governo dos xogunatos de Kamakura (1185~1333) e de Muromachi (1336-1573), em alternância ou em paralelo com o poder imperial em curtíssimos períodos. A primeira, na chamada restauração Kenmu (1333~1336) e, logo depois, no período dos governos imperiais do norte e do sul, denominado Nanbokuchō.

O período chamado Sengoku Jidai, ou período de guerras civis entre as várias suseranias, semelhantes aos feudos da Europa medieval, corresponde aos cerca de cem anos, entre 1477 e 1590, de incessantes guerras entre os senhores dessas suseranias pela ampliação de seus domínios e, principalmente, por conquista do poder absoluto e centralizado. Neste capítulo tratou-se também de uma característica desse período que foi chamada de *gekokujō*, ou seja, da ascensão de indivíduos da classe inferior à dos samurais devido aos seus feitos nas batalhas. Outro assunto ao qual se dedicou foi a religião dos japoneses, levando em consideração que a presença portuguesa no Japão se deveu em grande parte aos missionários católicos, principalmente da Companhia de Jesus.

No Capítulo 2 aborda-se o cenário dos avanços ultramarinos portugueses, desde 1415, com a conquista de Ceuta no Oceano Atlântico. A narrativa da história portuguesa focou a expansão para o extremo asiático e a exploração comercial, paralelamente à missão católica, em especial dos jesuítas. O fim da periodização foi a decadência da influência portuguesa no Japão e a posterior expulsão dos lusitanos do arquipélago japonês. Do encontro dos comerciantes e missionários europeus com os japoneses houve não apenas troca de mercadorias ou a transmissão da crença cristã-católica, como também um intercâmbio cultural bastante fecundo, assunto do seguinte capítulo.

O Capítulo 3 trata dos resultados do estreito convívio dos mercadores e missionários jesuítas com a população japonesa. Houve muitas contribuições de ordem política, econômica, cultural, artística e social transmitidas para os japoneses.

O Capítulo 4 concentra-se no aspecto da arma de fogo, o *teppō*, considerado, entre as contribuições herdadas pelos portugueses, uma das mais importantes sob o ponto de vista da história política, pois foi o instrumento que mudou a estratégia de combate e, conseqüentemente, acelerou a unificação dos reinos desintegrados e centralizou o poder com as intervenções de Oda Nobunaga, Toyotomi Hideyoshi e Tokugawa Ieyasu. Neste capítulo, discute-se também as várias versões sobre a introdução dessa arma no Japão e também de sua utilidade depois de findas as batalhas pela unificação do país e centralização do poder, finalmente nas mãos de Ieyasu e no xogunato Tokugawa, que governou o país por um longo período caracterizado como de paz e também de isolamento.

Assinala-se, ainda que no presente trabalho as palavras japonesas foram redigidas utilizando a transliteração pelo sistema Hepburn. No caso de antropônimos japoneses manteve-se a ordem sobrenome-nome. Os substantivos comuns estão no singular, pois a linguagem japonesa não possui plural com acréscimo de desinência com o português.

CAPÍTULO 1 – ASPECTOS HISTÓRICOS DO JAPÃO NOS PERÍODOS KAMAKURA, MUROMACHI E AZUCHI-MOMOYAMA

Este capítulo apresenta os aspectos políticos e sociais do Japão, a partir do Período Kamakura, quando o poder central passa para a classe guerreira de samurais ou *bushi*. Assume o cargo de xogum o chefe guerreiro Minamoto no Yoritomo (1147-1199), estabelecendo o primeiro xogunato de Kamakura Bakufu. Depois aparece o segundo xogunato, o do Muromachi Bakufu, sob o comando do xogum do clã Ashikaga e, por último, o xogunato do Edo Bakufu do clã Tokugawa. Caracterizou-se como um período de degradação política e social, provocando a mobilidade chamada de *gekokujo*, acarretando mudanças nas estruturas administrativas das suseranias e o surgimento de camponeses guerreiros, monges budistas guerreiros e samurais locais assumindo o poder das suseranias. Guerras civis internas ocorreram e abalaram a ordem política e social do Japão, com a Guerra de Ōnin e as batalhas do Sengoku Jidai, cujo desfecho culminou com a unificação das suseranias e a centralização do poder nas mãos de Tokugawa Ieyasu.

Com a entrada dos missionários jesuítas no Japão iniciou-se o trabalho de evangelização do catolicismo, aceito, no início, amistosamente, e posteriormente redundando em conflitos com as seitas existentes, até ser banido pelas autoridades e todos os missionários sendo expulsos do Japão.

Serviram de base para a elaboração deste trabalho as fontes japonesas da *Encyclopedia School Nipponica* e a *Encyclopedia of Contemporary Knowledge*, além de *Cambridge History of Japan*. Obras de história do Japão de autores como Kitajima Masamoto, Yamamura Kogo, Asao Naohiro, Matsuda Kiichi, Kawata Momota, Fujiki Kunihiro, Anesaki Masaharu, Yusa Michiko, entre outros, foram consultadas e constam na Bibliografia, bem como obras de autores estrangeiros, como Kenneth Henshal, George Samson, Richard Manson, Stephen Turnbull, Charles Ralph Boxer.

1.1 Cenário da História do Japão

No Período Kamakura, a Corte gozava de uma vida faustosa em Quioto, mas conflitos ocorriam nas zonas rurais e os camponeses se armavam para proteger suas vidas e propriedades ou se uniam em torno de nobres vindos da Corte, que foram despojados de suas funções em Quioto. Esses nobres militarizados eram os chamados *bushi* ou samurais.

Por volta da metade do século XII um desses nobres guerreiros, Taira no Kiyomori (1118-1181), tomou o poder em Quioto, mas no final do século um outro líder, Minamoto no Yoritomo (1147-1199), assumiu o poder como xogum e estabeleceu em Kamakura o xogunato de Kamakura. O xogunato manteve o controle sobre outros guerreiros (*bushi* ou samurais) dentro de um sistema feudal similar ao adotado em países da Europa medieval. O xogunato Kamakura continuou até o começo do século XIV e deu condições para o desenvolvimento cultural da sociedade.

O feudalismo japonês ocorreu com a queda do poder da Corte imperial. Instalou-se um centro de poder denominado *bakufu*, comandado por um chefe guerreiro, o xogum, quando o poder passou para as mãos dos *bushi* ou samurais, daí o nome xogunato. Em torno do *bakufu*, haviam suseranias, com seus suseranos, chamados *daimyō*, agregados e fiéis ao xogum do poder central.

No continente asiático, o poderoso Império mongol Gen, fundado na China no século XIII pela dinastia Yuan de Genghis Khan (1162-1227), construiu um grande império conquistando territórios na Ásia e na Europa e tentou invadir o Japão. O aventureiro e mercador italiano Marco Polo (1254-1324), que havia passado pelo Império chinês de Yuan, divulgou memórias muito interessantes sobre o oriente após o seu retorno ao seu país. Estas histórias, impressas no livro *As viagens de Marco Polo – Il Milione*, em 1299, e traduzidas em várias línguas, provocaram enorme interesse entre os europeus. Este livro citava o Japão como um país tão rico a ponto de, por exemplo, seu palácio imperial ser construído em ouro. Não eram histórias baseadas em fatos, pois Marco Polo nunca havia pisado em solo japonês, apenas confiando naquilo que ouviu quando esteve na China. Entretanto, a repercussão da publicação foi tão grande que atraiu muito interesse e o Japão se transformou num destino a ser perseguido pelos ambiciosos comerciantes e aventureiros europeus.

Nessa época, em duas ocasiões, uma em 1274 e outra em 1281, houve a tentativa de invasão do Japão pelos mongóis de Kublai Khan (1215-1294), neto de Genghis Khan, que culminou em fracasso nas costas de Kyūshū devido a fortes

tempestades, atribuídas a forças divinas, os kamikazes, conforme apregoavam os sacerdotes xintoístas.

No começo do século XIV, o imperador Godaigo (1288-1339) destruiu o xogunato de Kamakura, mas os guerreiros samurais novamente ergueram um outro governo formado por guerreiros em Quioto, o governo do xogunato de Muromachi, da família Ashikaga, iniciando o Período Muromachi, que durou do fim do século XIV até meados do século XVI. Nesses tempos os poderosos guerreiros também se ocupavam das funções de *daimyō* ou de suseranos que rondavam o governo central. Os *daimyō* se tornaram tão poderosos que o fraco governo de Muromachi não conseguiu controlá-los.

Enquanto o xogunato levava uma vida de opulência em Quioto, os *daimyō* rurais continuavam a luta pelo poder em toda parte do Japão por mais de 100 anos. Esse período foi chamado de Sengoku Jidai ou Período das Guerras. No entanto, o comércio e a manufatura prosperaram gradativamente dando origem a cidades mercantes, como Hakata (na província de Fukuoka) e Sakai (na província de Ōsaka).

Nessa época, em 1543, mercadores portugueses aportaram em Tanegashima, ao sul de Kagoshima, sendo considerado como marco de um intenso comércio que ali começaria.

Esses precursores portugueses traziam em sua bagagem armas de fogo muito poderosas para os olhos dos japoneses. Os *daimyō* se interessaram por esses instrumentos de fogo, pois viram a possibilidade de uso em combate o que também muito contribuiria para a reunificação do país.

O poderoso *daimyō* Oda Nobunaga (1534-1582), nascido em Owari (na província de Aichi), destituiu o governo do xogunato de Muromachi em 1573, e juntamente com seu comandado líder Toyotomi Hideyoshi (1536-1598), mesmo após sua morte em 1582, conseguiu a reunificação do Japão, em 1590. Embora Nobunaga e Hideyoshi tenham morrido antes de estabelecer seus próprios governos, Tokugawa Ieyasu (1542-1616), que tomou o poder do clã de Hideyoshi, iniciou seu xogunato em Edo (hoje Tóquio) no início do século XVII.

O catolicismo, que havia sido introduzido pelos jesuítas portugueses em Kyūshū em 1549, expandiu-se rapidamente entre o povo japonês nas regiões autorizadas pelos *daimyō* locais, chegando até Miyako (a capital Quioto).

A Holanda, um país cristão protestante em luta contra os ibéricos por conquistas do mercado de produtos orientais, começou a entrar no Japão a partir de 1600.

Interessada em ganhar esse mercado, conspirou com o governo japonês alertando o governo de Edo, do xogunato de Tokugawa, de que os ibéricos pretendiam tomar o Japão por meio da evangelização religiosa do povo. Realmente a verdadeira intenção dos holandeses era excluir os portugueses do seu caminho para ganhar a exclusividade com o governo Tokugawa e monopolizar os ganhos nessas operações comerciais. A Holanda conseguiu o seu intento e, em meados do século XVII, o governo de Edo adotou a política nacional de isolamento, fechando todos os portos do Japão para os estrangeiros, com exceção dos chineses e holandeses, que foram autorizados a comercializar, porém somente com Nagasaki, pelo porto de Dejima sob supervisão do governo Tokugawa. Essa política proibiu também a ida de qualquer japonês ao exterior ou seu retorno ao Japão, mesmo para quem tivesse partido antes da promulgação desta ordem.

O Japão viveu no isolamento, sem contato com o mundo exterior até meados do século XIX, o que só foi possível graças ao sistema feudal. Internamente, o Japão experimentou um longo período de paz, com progresso do comércio e da manufatura; além da difusão e o desenvolvimento da cultura.

1.2 Guerra de Ōnin

Foi uma guerra civil que começou em 1467 e terminou em 1477 durante o Período Muromachi, período em que o poder estava nas mãos do xogum Ashikaga Yoshimasa (1436-1490). Apesar de jovem, com 30 anos, Yoshimasa havia demonstrado a intenção de abdicar. A sucessão era disputada entre dois clãs próximos, de Hosokawa Katsumoto (1430-1473) e de Yamana Sōzen (1404-1473), cujo conflito culminou no envolvimento de numerosos suseranos de várias regiões do Japão. Essa disputa deu origem às guerras civis do Sengoku Jidai.

Em 1464, Yoshimasa, não tendo herdeiro, insistia que seu irmão mais jovem Yoshimi (1439-1491) abandonasse a vida de monge budista e que fosse o seu sucessor. No entanto, um ano depois, em 1465, o nascimento inesperado de um filho de Yoshimasa mudaria os planos.

O filho recém-nascido, Yoshihisa (1465-1489) provocou atritos entre o xogum Yoshimasa, seu irmão Yoshimi e Hosokawa Katsumoto contra Tomiko, esposa de Yoshimasa e mãe de Yoshihisa, apoiada por Yamana Sōzen. Essa desavença provocou o confronto dos clãs Hosokawa e Yamana, que evoluiu para uma batalha, tornando a cidade de Quioto um campo de guerra para definir quem seria o sucessor do xogum Yoshimasa. Essa questão de sucessão foi o pretexto para que cada um dos envolvidos demonstrasse seu poderio militar. As batalhas se desenrolaram tendo à frente o clã Hosokawa com as tropas do leste, com cerca de 85 mil guerreiros, contra Yamana, com as tropas do oeste com cerca de 80 mil, ambos mobilizados perto de Quioto.

As hostilidades se iniciaram quando a mansão dos Hosokawa foi incendiada em março de 1467. Em maio do mesmo ano, a mansão de Yamana também foi atacada. Os combates continuaram e centenas de edificações foram destruídas. Em setembro de 1467, Yamana recebeu um reforço de 20 mil guerreiros sob o comando do *daimyō* Ōuchi Masahiro (1446-1495). Hosokawa, por sua vez, recebeu o apoio das tropas do *daimyō* Akamatsu Masanori (1455-1496) com 50 mil homens. Em 1º de novembro de 1467 Yamana capturou o templo Shōkoku.

Os combates prosseguiram e vários templos foram queimados, inclusive o importante templo Tenryū. No final, Ashikaga Yoshimi se posicionou a favor de Yamana, forçando o xogum a nomear seu filho Yoshihisa como seu herdeiro, em 1469. Por ironia do destino, a batalha colocou dois membros da família um contra o outro. Em 1473, os chefes Yamana Sōzen e Hosokawa Katsumoto morreram, mas a batalha continuou,

embora tivesse perdido o ímpeto inicial. Em 1477, a batalha chegaria ao fim, porém ninguém conseguira atingir seu objetivo. Durante todo esse período de lutas, o xogum Ashikaga Yoshimasa não foi atuante para acalmar a situação. Enquanto Quioto se queimava, o xogum, indiferente à batalha, se dedicava a outros afazeres, como por exemplo a construção do templo Ginkaku à semelhança do templo Kinkaku construído pelo seu avô, Ashikaga Yoshimitsu. A Guerra de Ōnin e a atitude complacente do xogum Yoshimasa favoreceram as guerras internas entre outros suseranos e todo o Japão viveu um clima de violência, mesmo depois que as lutas já tivessem terminado em Quioto.

1.3 Gekokujō (ascensão “dos de baixo”)

A sociedade japonesa, na época do xogunato Muromachi, era constituída de, basicamente, quatro classes sociais: a dos *bushi* ou samurais, dos camponeses, dos artesãos e dos comerciantes. Ao lado dos samurais, ainda na nobreza, figuravam sacerdotes xintoístas, monges budistas e médicos. Além dessas classes, apareciam os *eta* e os *hinin*, os excluídos, que ocupavam o patamar social mais baixo da sociedade. Os *eta* eram discriminados pela genealogia hereditária e os *hinin*, pela ocupação profissional.

Durante a Guerra de Ōnin em muitas suseranias os samurais locais administravam a atividade agrícola rural e seu poder ia crescendo. Enquanto os suseranos aliados do xogum, combatiam em Quioto entre si, os samurais rurais iam ganhando espaço e força. Além disso, a autoridade do xogum caía em declínio enfraquecendo o poder do governo central, a ponto de não ter condições para governar a suserania de Yamashiro (sul de Quioto) dentro da capital Quioto. Depois do término da Guerra de Ōnin, o estado de anarquia continuou, não se respeitando mais a disciplina feudal, facilitando a formação de grupos isolados. Toda essa anarquia e o desgoverno do xogunato de Ashikaga favoreceram o aparecimento de tropas constituídas de camponeses armados, os *ashi-garu*, e os samurais de baixo escalão, os chamados *ji-samurai*. Criou-se um mundo em que “os de baixo derrubam os de cima” e as disputas não cessaram. Assim como os samurais errantes, desempregados, os *ashi-garu*, eram treinados para serem os samurais do campo. Como mercenários se aliavam a quem oferecesse maior vantagem. Também eram vândalos, violentos e frequentemente praticavam pilhagens. A Figura 1, à página 19, mostra os *ashi-garu* equipados com armamento e no seu trabalho de campo, no Período Muromachi.

Formaram-se, então, os grupos denominados *ikki*. Na suserania de Yamashiro, em 1485, os *ikki* constituíram uma força poderosa e, em 1486, estabeleceram um governo provisório nessa suserania. Na suserania de Kaga (hoje província de Ishikawa), adeptos budistas da seita Jōdo Shinshū do grupo *ikkō* se revoltaram contra o chefe guerreiro Togashi Masachika (?-1488) de Kaga. Esse grupo *ikkō* tinha uma relação com o líder religioso monge Rennyō (1415-1499) da seita budista do Jōdo Shinshū, e, com a inclusão de *ashi-garu*, formaram o *ikkō-ikki*. Em 1488, os *ikkō-ikki*, de Kaga, derrotaram as forças de Masachika e tomaram o seu controle, construindo, em seguida, um castelo-templo ao longo do Rio Yodo, que foi usado como seu quartel-general.

Percebe-se, pois, que nessa época houve uma mobilidade intensa no âmbito social e na estrutura das suseranias do Japão.

Figura 1. Ashigaru (camponeses recrutados no campo) equipados com armamento e no trabalho rural

1.4 Guerras civis do Sengoku Jidai ou Período das Guerras

O período chamado de Sengoku Jidai, das guerras civis, marcou, dentro da história do Japão, mudanças sociais, traições políticas e conflitos militares incessantes por disputa de poder. A Batalha de Ōnin correspondeu ao início dessa era. Gerou-se um clima de anarquia e desgoverno no país com suas suseranias desintegradas.

Embora o imperador do Japão fosse oficialmente o governante do país, nesse período era uma figura inexpressiva, marginalizada, que delegava seu poder ao xogum. Este xogum, pertencente ao xogunato Muromachi do clã Ashikaga, gradualmente foi perdendo sua influência e controle sobre os outros suseranos, mesmo aqueles das suseranias mais distantes. Muitos desses senhores suseranos começaram a guerrear uns contra os outros, visando a conquistar territórios, se fortalecer e cobiçando o poder central.

A economia se desenvolvia em função do comércio com países vizinhos, principalmente com a China, e internamente mercados e centros de comércio começaram a despontar. No campo, a agricultura e o pequeno comércio também prosperaram e essa conjuntura conduziu a um desejo por uma maior autonomia em todos os níveis da hierarquia social.

A Guerra de Ōnin, que durou 11 anos, deixou no seu rastro a capital Quioto totalmente destruída e sem vencedores. Entretanto, foi o estopim para as lutas civis internas por todo o país.

O movimento *gekokujō*, de mobilidade social, também foi favorecido pelo clima de descontentamento dos camponeses provocado por pressões do governo com impostos e dívidas, associadas a calamidades naturais de terremotos que fustigaram suas atividades. Ocorreram também movimentos dos monges budistas, que se armaram e formaram tropas de combate, como no caso da seita budista *ikkō*.

O Japão desintegrado era governado pelo xogun Yoshimasa do xogunato Muromachi. Com a morte de seu herdeiro Yoshihisa e dele próprio, Ashikaga Yoshitane (1466-1523) assumiu o cargo de xogum.

Como exemplo típico do fenômeno *gekokujō*, surgiu Hōjō Sōun (1432-1519), de origem humilde e que se tornou *daimyō* de Izu (na província de Shizuoka), dominando a região de Kantō (região em torno de Tóquio) e Odawara. As batalhas se sucederam. Seu neto, Hōjō Ujiyasu (1515-1571) derrotou o clã Uesugi em Kawagoe (província de Saitama).

Na região oeste, Ōuchi Masahiro (1446-1495), chefe guerreiro do clã Yamana foi derrotado pelo *daimyō* Sue Harukata (1521-1555) na Batalha de Miyajima. O *daimyō* Mōri assumiu as terras e o poder de Ōuchi. Na Batalha de Itsukushima, Mōri Motonari (1497-1571) derrotou Sue Harukata.

Em 1560, Oda Nobunaga derrotou o *daimyō* Imagawa Yoshimoto (1519-1560) na Batalha de Okehazama e, avançando, ocupou Quioto em 1568. Durante 10 anos Oda Nobunaga entrou em conflitos com os monges budistas do Ishiyama Honganji, culminando em vitória em 1580. No ínterim dessa fase, em 1573, Nobunaga destituiu o xogum Ashikaga Yoshiaki (1537-1597) extinguindo o xogunato Muromachi.

Em 1575, na Batalha de Nagashino, Oda Nobunaga derrotou a poderosa cavalaria do *daimyō* Takeda Katsuyori (1546-1582). Nessa batalha Nobunaga mostrou sua genialidade militar com o emprego dos *teppō*, com *ashi-garu* e paliçadas, citados por George Samson em *History of Japan*. A Figura 2, à página 22, mostra uma cena da Batalha de Nagashino, com paliçadas e o uso de *ashi-garu* com *teppō*.

Em 1576, para manter o controle das armas de fogo em poder de civis, principalmente nas mãos de camponeses, Nobunaga decretou o confisco de suas armas. Em 1582, foi assassinado por seu aliado de antes, Akechi Mitsuhide (1528-1582), no incidente de Honnō-ji. Por esta traição, logo em seguida, na Batalha de Yamazaki, Akechi foi derrotado e morto por Hashiba Hideyoshi. Por esse e outros feitos Hideyoshi recebeu o título de *kanpaku* e também o sobrenome de Toyotomi. Em 1590, na Batalha de Odawara (na região de Kantō, em torno de Tóquio), Toyotomi Hideyoshi derrotou o clã Hōjō, e com isso promoveu a unificação das 66 suseranias desintegradas.

Assim, com a intervenção de três grandes senhores suseranos, os *daimyō* Oda Nobunaga, Toyotomi Hideyoshi e Tokugawa Ieyasu, essas batalhas civis propiciaram a unificação do país.

O Conflito de Odawara, em 1590, marcou a unificação do Japão sob os Toyotomi. O clã Tokugawa, para apoderar-se do Japão recém integrado, consolidou, na Batalha de Sekigahara, contra o chefe Ishida Mitsunari (1560-1600) aliado do clã Toyotomi, em 1600, e nos conflitos de Ōsaka Fuyu no Jin, em 1614, e Natsu no Jin, em 1615, o seu poder contra os seus opositores, que eram aliados de Toyotomi Hideyoshi, que havia falecido em 1598. Em seguida estabeleceu-se o xogunato de Tokugawa Ieyasu, no Período Edo, que seguiu por mais de dois séculos adotando a política de isolamento da lei Sakoku.

Figura 2. Batalha de Nagashino (1575). Arranjo de paliçadas e uso de *ashigaru* com *teppō*. Batalha vitoriosa de Oda Nobunaga com habilidade estratégica de combate com armas de fogo. Fonte: Biombo do Museu de Arte Tokugawa, Nagoya

1.5 Religião no Japão

A religião praticada no Japão no século XVI era o xintoísmo, nativa do país, que convivia com o budismo introduzido no século VI através da Coreia. Manifestações filosóficas também foram introduzidas da China, como o confucionismo e o taoísmo, que muito serviram para moldar a formação dos guerreiros samurais.

A religião do Japão seguia duas linhas. A nativa do xintoísmo, desde os primórdios do seu povo, e a agregada posteriormente, a do budismo, de origem indiana, introduzida no Japão pelos monges chineses e coreanos. Prega o xintoísmo a exaltação da natureza sob diversas formas e o culto aos antepassados, enquanto que o budismo se ocupa do conforto espiritual das pessoas. Percebe-se, pois, que ambas as seitas coexistiam porque se complementavam.

Xintoísmo

Culto que venera a natureza sob todos os aspectos, havendo as divindades *kami* para os fenômenos da natureza e também para os espíritos dos ancestrais. Tinha uma estreita ligação com o poder imperial, na qual havia um mito de que o imperador era considerado um ser divino vivo. Suas orações imploram a longevidade, saúde, riqueza, fama e outros benefícios terrenos.

As tentativas de invasões do Império chinês, governado pela dinastia mongol Yuan, de Kublai Khan, favoreceram – e fortaleceram – os princípios xintoístas. Acredita-se que a natureza ajudou a defender o Japão, por duas vezes, graças à ocorrência de tempestades, surgindo daí a imagem construída do kamikaze (vento divino), que teria protegido o Japão dessas invasões, atribuindo-se à força mística do xintoísmo.

Budismo

O budismo é um culto que prega o conforto e a salvação espirituais. Oriundo da Índia, chegou ao Japão através da Coreia no século VI. No princípio houve uma certa rejeição à introdução de uma religião estrangeira, que era considerada intrusa e em desrespeito às divindades xintoístas. De forma gradual, no entanto, houve uma interação, até chegar ao ponto de coexistir com a religião nativa.

Prega-se no budismo os princípios de “não matar, não roubar, não mentir, não cometer adultério, não usar drogas etc”, que se assemelhavam aos “Dez Mandamentos” da Bíblia, razão porque se imaginava que a nova religião, o catolicismo dos missionários europeus, fosse uma versão do budismo da Índia, sendo portanto aceito, inicialmente, sem restrições pela comunidade japonesa, de forma cordial e tolerante, pois já havia ocorrido o sincretismo do próprio budismo com o xintoísmo.

Aliada à curiosidade por novidades, por novos conhecimentos dos nativos japoneses, conforme apontava o padre Francisco Xavier, em querer conhecer, aprender as coisas, e ainda o interesse pelo comércio com os mercadores portugueses pelos grandes ganhos nas transações ou na obtenção de armas de fogo, atraiu a atenção dos *daimyō*, os senhores suseranos, a aproximação com os missionários jesuítas para servirem de intermediários nos negócios. Isso promoveu a conversão de pessoas da aristocracia e, conseqüentemente, de seus vassalos e seguidores para a nova religião.

No início do século IX, o budismo japonês era seguido principalmente pela aristocracia da Corte, tendo contribuído para o desenvolvimento da cultura do país por meio da religião. No Período Kamakura (1192~1333) ocorreu muita conturbação política e social, o que deu origem ao aparecimento de novas formas do budismo, difundindo a esperança de salvação entre os samurais bem como entre os camponeses.

As mais de cem seitas budistas no Japão de hoje se originaram das sete principais ramificações do budismo que foram introduzidas da Coreia e da China ou desenvolvidas originalmente no Japão. São elas: *jōdo-shū*; *jōdo shinshū*; *rinzai-shū*; *sōto-shū*; *nichiren-shū*; *zenshū*; e *ji-shū*. Todas essas seitas coexistiram e se preocuparam na defesa da autonomia dos monastérios mais do que pela crença, não havendo disputa pela hegemonia de uma determinada corrente religiosa sobre outras.

Dentre estas sete seitas ramificadas, somente a *nichiren-shū* possuía um caráter proselitista. Os monastérios eram militarizados, com seus próprios exércitos, renda e fortalezas, e seus soldados eram denominados *sōhei*, em tradução literal, “soldados bonzos”. Com isso, muitas vezes essa força militar dos monastérios era usada como aliada em operações de interesse dos grandes suseranos. Diante desse aspecto de força e ameaça que os monastérios poderiam oferecer, Oda Nobunaga perseguiu os monastérios envolvendo-se em alguns conflitos com as forças do *jōdo shinshū* e outra seita budista, a *tendai*. Quando tais forças foram derrotadas, consolidou-se a unificação do país, façanha de Toyotomi Hideyoshi, em 1590.

Após a expulsão dos missionários católicos e da proibição do catolicismo no Japão, o governo Tokugawa instituiu o sistema *danka*, em que se obrigava todas as famílias a se registrarem em algum templo budista para receber uma espécie de “certificado de apostasia” de adesão à religião budista, que se tornou a “religião oficial do Japão”.

Confucionismo

O confucionismo, uma filosofia originária da China, ingressou no Japão na mesma época da entrada do budismo e era praticado como um código de princípios éticos e morais, tendo exercido grande influência no pensamento e no comportamento dos japoneses. Fundamenta-se na filosofia ética, social, moral, na ideologia política e no modo de vida. Os princípios de obediência e subordinação ajudaram a compor as regras ideológicas da sociedade dos guerreiros.

Taoísmo

O taoísmo também foi introduzido da China. Trata-se de uma doutrina filosófica que prega o princípio da vida, de que todo ser vivo e todo elemento da natureza é composto de energia, chamada *ki*. As escolas taoístas tradicionalmente reverenciam os ancestrais e possuem rituais de adivinhações e exorcismo, e suas práticas visam a atingir o êxtase e obter a sublimação. As tradições éticas taoístas enfatizam a serenidade, a moderação dos desejos, simplicidade, espontaneidade, a não ação, o vazio, a contemplação da natureza, a compaixão e a humildade.

Exerceu forte influência na seita zen do budismo e na formação da cultura japonesa, com o condicionamento espiritual dos praticantes das artes do arranjo de flores, da cerimônia do chá, da caligrafia e das artes marciais japonesas tradicionais.

As práticas filosóficas do taoísmo e do confucionismo muito valeram para a formação do espírito dos samurais, conhecidas como os preceitos do Bushidō, o caminho do *bushi*, o samurai.

CAPÍTULO 2 – ASPECTOS HISTÓRICOS DAS GRANDES NAVEGAÇÕES DE PORTUGAL E DOS PORTUGUESES NO JAPÃO

Este capítulo aborda o panorama do mundo português desde a fase das Grandes Navegações e Descobrimentos e que culminou na descoberta do Japão, fase em que havia já um comércio na Ásia (Índia, Ceilão), oriente (Malaca, Sião, Molucas) e extremo oriente (China, Léquias).

Com a chegada dos portugueses ao Japão deu-se início ao comércio, meta principal dos mercadores portugueses, e logo depois à missão de evangelização proposta pela Companhia de Jesus, com a ação do padre Francisco Xavier. Ao longo de 90 anos da missão religiosa, ocorreu o trabalho de evangelização pelos missionários jesuítas no Japão, que, apesar do empenho, foram impedidos de continuar esse trabalho.

Portugal, em fins do século XVI, militarmente já não gozava do poderio da fase do esplendor das grandes conquistas ultramarinas e estava entrando em decadência, perdendo posições pela força bélica, política e comercialmente, sendo dominado pelos holandeses, principalmente nos mares da Ásia.

Para o desenvolvimento deste capítulo foram utilizadas fontes basicamente ocidentais, complementadas por autores japoneses. Tomaram-se como referências as obras de Charles Ralph Boxer, Bailey W. Diffie, Damião Peres, Luís Felipe Thomaz, bem como de Armando Martins Janeira, João Paulo Oliveira Costa, Georg Schurhammer, Alessandro Valignano, Antonio Cabezas, Olof G. Lidin, Conrad Totman, Luís Norton, Joaquim Romero Magalhães, Higashibaba Ikuo, Matsuda Kiichi, Kitahara Michio, entre outros, conforme constam na Bibliografia.

2.1 Cenário do Império colonial português

Na civilização ocidental do século XV, o comércio de produtos do oriente girava em torno dos italianos, árabes e otomanos e depois portugueses e espanhóis. Em princípio os italianos detinham a primazia desse comércio através da rota do Mar Mediterrâneo. Em 1415, os portugueses, se aventurando pelo Oceano Atlântico, haviam conquistado Ceuta, em Marrocos, na costa ocidental da África. Tanto os portugueses quanto os espanhóis se preparavam para a busca dos produtos do oriente e Ásia numa rota alternativa do Mar Mediterrâneo.

Em 1419, em Portugal, na cidade de Sagres, foi criada a escola de Astronomia, Navegação e Geografia, pelo Infante Dom Henrique (1394-1460) para a formação de navegadores. Resultados começaram a aparecer, e em 1488 o navegante português Bartolomeu Dias (1450-1500) aventurou-se pelo mar e chegou ao Cabo da Boa Esperança, no extremo sul do continente africano.

A serviço da Espanha, por outro lado, em 1492, o navegante italiano Cristóvão Colombo (1451-1506), na esperança de poder chegar ao oriente navegando em direção ao ocidente, chegou à América Central, nas Bahamas, descobrindo a América. Colombo imaginava ter chegado à tão cobiçada Zipangu, a terra rica em ouro citada no livro publicado por Marco Polo. A Figura 3, à página 29, mostra as rotas das navegações e descobrimentos portugueses e espanhóis.

Logo em seguida, a Espanha, demonstrando a preocupação com futuros conflitos, propôs um acordo com Portugal para tratar de aspectos legais referentes a novas terras. Foi assinado o Tratado de Tordesilhas em 4 de junho de 1494, que estabelecia os limites de divisão de terras entre Portugal e Espanha, a partir de uma linha imaginária na Ilha de Cabo Verde. As 370 léguas a oeste desta ilha ficariam para a Espanha e, a leste, para Portugal.

Em 1497 o navegador Vasco da Gama (1469-1524) descobriu o Caminho das Índias chegando a Calecute, na costa ocidental da Índia. Em 1500 o navegador Pedro Álvares Cabral (1467-1520), devido a uma calmaria, se afastou muito do continente africano e veio parar na América do Sul, descobrindo o Brasil, chegando a Cabralia, Bahia.

Os portugueses conquistaram e se instalaram, em 1510, em Goa na Índia; em 1511, em Malaca (Malásia); em 1517, em Macau na China, e no Ceilão (Sri Lanka), fundando a Fortaleza de Colombo. Em 1519, o navegador português Fernão de

Magalhães (1480-1521), a mando da Espanha, navegou pelo Atlântico, passou pelo Rio de Janeiro, atravessou o estreito que levou o seu nome no extremo sul da América do Sul e chegou às Filipinas, onde foi morto. Outro navegador, Sebastián Delcano, prosseguiu viagem retornando à Espanha em 1522, dando a volta ao mundo e comprovando a esfericidade da Terra. Logo após esta viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães, tornou-se necessária a revisão do Tratado de Tordesilhas, que foi reformulado com a mudança da referência das Ilhas de Cabo Verde para as Ilhas Molucas (Indonésia). As terras que estivessem a leste pertenceriam à Espanha e as que estivessem a oeste, a Portugal.

Em 1543, três mercadores portugueses aportaram após naufrágio em Tanegashima, sul de Kyūshū, em junco chinês, portando espingardas que causaram muito interesse aos nativos japoneses. Em 1549, o padre Francisco Xavier (1506-1552) chegou a Kagoshima e iniciou o trabalho de catequização católica pelo Japão.

Em 1580, Portugal e seu Império colonial passaram para o domínio da Coroa Espanhola, que perdeu até 1640. O Quadro I, a seguir, mostra os episódios que marcaram efetivamente a decadência do Império colonial português, perdendo o seu poderio e as forças para manter o seu *status* de conquistador dos mares.

QUADRO I

Fatos da decadência do Império colonial português

Ano	Evento
1581	Após domínio da Espanha, a Holanda tornou-se independente
1597	Início da Guerra Luso-Holandesa com ataque à colônia portuguesa de São Tomé e Príncipe, costa ocidental da África
1603	Perda da nau portuguesa Santa Catarina em Singapura para os holandeses
1603	Holandeses invadiram o Brasil ocupando a Bahia, depois recuperada em 1625; invasão retomada em 1630 e 1641, ocupando áreas litorâneas do Maranhão, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe
1605	Holandeses tomaram o forte português Ambão nas Ilhas Molucas (Indonésia)
1619	Jakarta (depois chamada de Batavia), nas Ilhas Molucas, foi conquistada por holandeses, tornando-se base holandesa do oriente
1638	Holandeses tomaram São Jorge da Mina, Guiné, costa ocidental da África
1639	Portugueses foram expulsos do Japão
1640	Holandeses tomaram São Tomé e Príncipe e Luanda (Angola), costa ocidental

	da África, importantes polos fornecedores no comércio de escravos, mas posteriormente retomados, por Portugal em 1652
1640	Portugal, após domínio espanhol, pela União Ibérica, tornou-se independente da Espanha, também decadente
1641	Malaca, importante polo comercial português, foi apoderado pelos holandeses
1642	Axim (Gana), na África, foi tomada pelos holandeses
1650	Holandeses se instalaram no Cabo da Boa Esperança, extremo sul da África
1658	Ceilão, na Ásia, foi tomada pelos holandeses
1661	No Tratado de Paz em Haia, Portugal aceita as perdas territoriais na Ásia

Figura 3. Rotas das navegações e descobrimentos portugueses e espanhóis nos séculos XV e XVI

2.2 Chegada dos portugueses no Japão

Com as descobertas e as conquistas de terras no oriente (Malaca, Sião, Molucas), a Coroa portuguesa não manteve o devido controle sobre os mercadores, muitos deles particulares, que atuavam independentemente sem interferência das autoridades. Depois das conquistas de Goa e Macau, a Coroa portuguesa deu poderes políticos e administrativos aos seus administradores e, com isso, manteve um certo controle, o que não ocorreu em outros locais. Malaca, assim como Ceilão, se tornaram polos de mercadores informais. Dentro desse contexto, as rotas do Mar da China faziam parte da rotina dos mercadores particulares.

A descoberta do Japão foi um resultado das ações dos mercadores informais, pois o poder central português não esboçava qualquer estratégia em intervir no extremo oriente (China, Léquias). Foi assim, então, que ocorreu a chegada dos portugueses particulares Antonio da Mota, Antonio Peixoto e Francisco Zeimoto em terras japonesas, os quais, a bordo de um junco chinês, quando estavam navegando em direção a Fuquien (China), deram com uma tempestade que os desviaram da rota do porto de Liampó (China), arrastando-os para as Léquias (reino de Ryūkyū, hoje província de Okinawa) e daí aportando em Tanegashima, pequena ilha no extremo sul de Kyūshū, em 23 de setembro de 1543, conforme citado no livro *Teppō-ki* (*Livro das Espingardas*), de Nanpo Bunshi.

Esse episódio representou o primeiro contato dos portugueses com os japoneses. Os portugueses eram mercadores, considerados autônomos, atuando sem vínculos com a Coroa portuguesa, portanto, sem representatividade oficial de Portugal. O comércio começou, de imediato, com as espingardas que os mercadores portavam e que causaram grande interesse aos nativos japoneses, principalmente aos suseranos, que viram nessas armas de fogo um instrumento poderoso que poderia ser usado na guerra.

Esses mercadores não eram letrados e não tinham o hábito de relatar os seus feitos, no entanto, alguns escritos, de mercadores como Jorge Alvares (? -1521), chegaram às mãos do governador Garcia de Sá (1486-1549), do Estado da Índia, e foram levados ao conhecimento da Coroa (1548~1549). O padre Francisco Xavier, missionário que iria iniciar a catequização católica no Japão, teve as primeiras informações do Japão por meio de mercadores que comercializavam em Fuquien, Malaca (hoje Malásia) e Sião (hoje Tailândia). O rei D. João III (1502-1557), de Portugal, não se preocupava muito com o extremo oriente e dava mais atenção à Ásia (Índia,

Ceilão), fonte de especiarias, portanto, deixando de lado o extremo oriente entregue à iniciativa privada dos mercadores informais.

2.3 Comércio português com o Japão

Com a chegada dos portugueses ao Japão, através de mercadores particulares sem vínculos com as autoridades da Coroa portuguesa, começaram-se as transações comerciais com os nativos japoneses. Os três mercadores precursores desse contato levavam espingardas que provocaram enorme curiosidade e interesse dos locais. Foram os primeiros artigos de comércio com os japoneses.

A comunicação e a diferença de cultura dificultaram muito o relacionamento inicial dos portugueses com os nativos. Nem todos os mercadores tinham o nível intelectual dos missionários que para lá foram para evangelizar os nativos. Entretanto, foram descobrindo que já existia na região um intenso comércio entre os mercadores léquios (Léquias, hoje Okinawa, antes não fazia parte do Japão), e que o comércio oficial entre a China e o Japão estava interrompido. Disso se aproveitaram os mercadores portugueses, que serviram de intermediários comerciais entre os dois países. Os portugueses, a essa altura, já operavam intensamente a partir de Malaca e de outros portos do sudeste asiático, explorando os portos chineses de Fuquien, Liampó, consolidando as transações com o Sião, as Léquias e agora o Japão, tarefa que se estendeu até 1550, como citado por Georg Schurhammer em *Os Descobrimentos do Japão*.

A estratégia do governo monárquico de Portugal estava concentrada no oriente e na Ásia das especiarias. Os mercadores portugueses que atuavam no comércio do extremo oriente eram independentes e livres, e, sem a interferência da Corte portuguesa, se aproveitaram e tiveram muito lucro com o comércio com o Japão.

Nos poucos relatos dos feitos portugueses desses mercadores particulares, como Jorge Alvares, por exemplo, o padre Francisco Xavier obteve as primeiras informações sobre o Japão. Somente a partir de 1549, quando esse padre iniciou o trabalho de evangelização no Japão, firmou-se uma estreita ligação entre os mercadores e os missionários. Não havia para os mercadores uma representação oficial da Coroa portuguesa quanto às atividades comerciais, e atribuíram essa tarefa aos missionários. Por outro lado, os missionários necessitavam do apoio logístico e econômico para a sobrevivência da missão religiosa.

Temendo uma possível concorrência dos espanhóis, a Corte central portuguesa despertou e começou a focar também o interesse no extremo oriente. A partir daí, as relações com o Japão ficariam condicionadas à Igreja, à Coroa e ao Senado da Câmara (instituição do Estado de Macau), e os mercadores particulares deram lugar

aos magnatas que tinham respaldo das autoridades da metrópole.

O destino dos mercadores e missionários no Japão era a Ilha de Kyūshū, e não havia um porto de desembarque permanente. O Japão, na ocasião, passava por uma fase conturbada de instabilidade política, de conflitos entre as suseranias. Somente em 1571, quando foi fundada a cidade de Nagasaki, este tornou-se o polo oficial de comércio com Macau.

Eram comercializadas mercadorias provenientes da Europa, como relógios, espingardas, lunetas, óculos, espelhos, artigos de vidro, sabão, açúcar, vinhos de Portugal, tecidos da Índia, especiarias, madeiras aromáticas, peles de animais de Malaca, ouro, chumbo, pólvora, cerâmica, veludo, sedas da China (Macau e Cantão). Do Japão, prata, cobre, enxofre, artigos laqueados, espadas, leques, pinturas em rolo, produtos do mar.

Essas viagens ao extremo oriente passaram a constituir uma rotina para os mercadores portugueses, apesar de serem as mais longínquas e demoradas, devido a dependência dos ventos das monções para conduzir suas embarcações. Eram ventos sazonais de verão do Oceano Índico para o continente asiático e ventos de inverno no sentido contrário.

Esse comércio com o Japão era muito lucrativo. No começo dessas operações, a Coroa nomeava o capitão-mor, que fazia a viagem às suas custas, mas em compensação usufruía integralmente dos lucros. Mais tarde, tais viagens passaram a ser leiloadas em Goa. Apontava-se que eram muito rendosas e que compensavam em larga medida os capitais investidos.

Do lado japonês, os lucros auferidos também pelos dirigentes japoneses, os suseranos, eram vantajosos. Em face dessa condição favorável na participação do comércio com os mercadores portugueses, essa ligação com os mercadores serviu aos missionários como um instrumento para a conversão dos nativos, fossem dirigentes ou populares. Nesse sentido, em Kyūshū, missões como as de Yokoseura, Nagasaki, Kuchinotsu, Shimabara, Shiki e Kawachinoura foram abertas em troca da recepção dos barcos mercantes portugueses. A Figura 4, à página 35, mostra a divisão política de Kyūshū em fins do século XVI.

Embora a atividade comercial dos missionários não tenha sido bem vista pela Companhia de Jesus, para a sua manutenção e sobrevivência, a participação econômica dos missionários juntamente com os mercadores realmente ocorreu, pois a própria Igreja não supria recursos suficientes para os missionários desenvolverem suas

missões, como cita o padre Alessandro Valignano no *Sumario de las Cosas de Japon* (1583) (*Monumenta Nipponica Monographs*, vol. 9).

Um mercador português, Luís de Almeida (1525-1583), após ter realizado trabalhos bem-sucedidos como mercador, resolveu entrar na Companhia de Jesus e com ele entraram divisas. A partir daí, os missionários começaram a participar dos resultados econômicos das operações de comércio de seda dos mercadores, o que garantiria a subsistência dos missionários.

Ocorreram situações nem sempre favoráveis ao longo dos anos. Perdas de navios, falta de matéria prima, principalmente da seda, alteraram o panorama de relacionamento dos mercadores para com os missionários. Em fins do século XVI devido à quebra das condições do acordo com os mercadores, os próprios jesuítas começaram a comercializar diretamente com os comerciantes japoneses locais, variando as mercadorias e os destinos. Mais tarde a Coroa portuguesa manifestaria a sua oposição ao comércio dos missionários.

Com a chegada dos holandeses ao Japão e com a receptividade que tiveram das autoridades do governo Tokugawa, as forças portuguesas se enfraqueceram. Devido à União Ibérica, em que se incorporava à Espanha, Portugal também se tornaria inimigo da Holanda. Os holandeses, em litígio com os espanhóis, começaram a se apoderar das rotas de comércio exploradas pelos portugueses no oriente, inclusive as de acesso ao Japão.

Com a ordem de 1639, de proibição de permanência de estrangeiros latinos, por parte de Tokugawa, ficou impossível qualquer intervenção externa no Japão, fosse de comércio ou de evangelização. Tentativas, por parte de Portugal, ocorreram posteriormente, diplomaticamente, para reatar as relações, mas foram rechaçadas pelo governo Tokugawa. Em 1647 uma embaixada portuguesa com mensagem do novo rei de Portugal, D. João IV, tentou reatar relações comerciais com o Japão mas foi repelida por Tokugawa, como aponta Matsuda Kiichi, em *The Relations between Portugal and Japan*. Permitiram-se apenas o comércio com os holandeses e chineses através do pequeno posto de Dejima, em Nagasaki.

Dentro do comércio praticado pelos mercadores portugueses só um item não foi divulgado abertamente. Poucos autores fazem referência ao tráfico de escravos japoneses. Assim como já praticavam o comércio de escravos africanos, mouros, chineses, os escravos japoneses também eram comercializados em colônias portuguesas da Índia, China, Malaca e na Europa. Incluía-se nas levas de escravos não só homens, mas também mulheres e crianças. Há citações que relatam escravos

japoneses acorrentados nos porões das embarcações e tratados miseravelmente pelos mercadores. Mulheres japonesas eram vendidas e serviam como concubinas em embarcações e para fins sexuais em bordéis. Kitahara Michio, em *Portuguese Colonialism and Japanese Slaves*, cita o assunto.

Esses fatos tiveram muita repercussão no Japão, sendo considerados como ofensivos e um forte motivo de rejeição aos portugueses, o que contribuiu para a sua expulsão do Japão. Conta-se que houve reprovação também por parte das autoridades de Portugal e da Igreja, as quais efetivamente nada fizeram para impedir essa prática. A comitiva de jovens cristãos japoneses, que viajou para a Europa para a audiência em Roma, notou a presença de japoneses escravos nas ruas, o que também foi motivo de reprovação.

Figura 4. Mapa de Kyūshū, em fins do século XVI, com maior presença portuguesa

2.4 Evangelização dos missionários no Japão

Por decisão do papa Paulo III, aprovada em 1540, coube à Companhia de Jesus a missão da evangelização católica na Ásia e também no Japão. O padre jesuíta Francisco Xavier, juntamente com outros dois, Cosme de Torres (1510-1570) e João Fernandez (1526-1579), missionários espanhóis, entraram no Japão através de Kagoshima, em 1549. A Figura 5, à página 42, mostra a rota do padre Francisco Xavier a partir de sua chegada em Kagoshima.

O padre Francisco Xavier era espanhol, nascido em Navarra e companheiro do padre Inácio de Loyola (1491-1556), também um dos fundadores da Companhia de Jesus. Por ordem do rei D. João III, Xavier se encontrava em Malaca para evangelizar a Ásia. Aí conheceu um japonês de nome Anjiro, de Satsuma (hoje província de Kagoshima), que se converteu ao catolicismo recebendo o nome de batismo de Paulo de Santa Fé. Anjiro era refugiado das autoridades japonesas devido a uma suspeita de envolvimento em assassinato. Anjiro acompanhou o padre Francisco Xavier na entrada ao Japão e nas missões de evangelização pelo país. Apesar de ser japonês, tinha um conhecimento limitado do Japão. Informação mais consistente foi obtida através de relatos do mercador português Jorge Álvares (?-1521), que já havia navegado pelos mares do sul do arquipélago e conhecia o sul do Japão e a Francisco Xavier deu motivação para o trabalho de evangelização, com informações sobre a cultura e a sociedade dos japoneses.

A receptividade para com os missionários foi muito boa, amistosa, primeiramente com a adesão de muitos japoneses, principalmente das camadas sociais mais populares e posteriormente dos dirigentes. Entretanto, percebeu-se que a adesão a esse novo movimento religioso, mais do que a fé, envolvia outros interesses, principalmente nas classes dirigentes dos suseranos, os *daimyō*.

A chegada dos primeiros portugueses mercadores, portando as espingardas, já havia provocado grande interesse, pois era um época de muitos conflitos entre os *daimyō*, os senhores suseranos que, com o enfraquecimento da Corte imperial e com a ascensão do clã Ashikaga, governando sem controle com seus xoguns, provocaram a desintegração do país. Os *daimyō* viam, nesse relacionamento com os missionários estrangeiros – e também com os mercadores portugueses –, uma forma de chegar indiretamente até as artes militares e técnicas de combate de guerra dos europeus, para aplicação no Japão.

As primeiras impressões dos missionários em relação ao povo que os

repcionou foram muito animadoras. Há relatos de Jorge Alvarez e de Francisco Xavier nos quais os consideravam “educados, corteses, limpos, obedientes e honrados”. Para a evangelização, a primeira dificuldade era a comunicação. O idioma era um sério problema, mas, no começo, se serviram do guia japonês Anjiro como intérprete. Assim é que foram recebidos pelo *daimyō* Shimazu Takahisa (1514-1571), da suserania de Satsuma.

A comitiva de Francisco Xavier pretendia chegar até Miyako (Quioto), capital na época, para se encontrar com o imperador. No caminho pararam em Hirado, suserania de Hizen (hoje província de Saga), e foram recebidos pelo *daimyō* Ōmura Sumitada (1533-1587), que acolheu, em princípio, a nova religião, porém teve a reação e a oposição dos monges das seitas budistas. Seguindo caminho para Quioto, pararam em Yamaguchi, suserania de Suo (hoje província de Quioto), recebendo do seu *daimyō* Ōuchi Yoshitaka (1507-1551) a autorização para pregar a religião nas ruas. Finalmente, chegando a Miyako (Quioto), sua tentativa de se encontrar com o imperador Gonara não foi possível por conta da intervenção do xogum Ashikaga Yoshiteru (1536-1565), que impediu essa aproximação. De volta, retornou a Kyūshū, em Funai, na suserania de Bungo (hoje província de Ōita), onde conseguiu encontrar-se com o *daimyō* Ōtomo Yoshishige (também conhecido como Ōtomo Sōrin) (1530-1587) que acolheu a nova religião. Com essa aproximação, o *daimyō* Ōtomo tirou proveito do comércio com os mercadores portugueses graças à intermediação dos missionários.

No pouco tempo que Francisco Xavier permaneceu no Japão, de 1549 a 1551, deu muita importância ao domínio da língua, da escrita dos ideogramas, na formação de catequistas, dos intérpretes e dos auxiliares japoneses, os *dōjuku*. A estratégia de conversão dos adeptos ao cristianismo, segundo Francisco Xavier, seria por meio de convencimento, de analogias com as religiões japonesas e pelas práticas de caridade como forma de atrair a população que vivia precariamente.

O padre Francisco Xavier morreu em 1552, fora do Japão, em Sanchoão, na China, e o padre Cosme de Torres encarregou-se de seguir essa missão de evangelização permanecendo no cargo até 1570, dando continuidade ao método de Francisco Xavier. Estreitou relações com o *daimyō* de Bungo, onde fundou um importante centro cristão do Japão. Em Funai (também na hoje província de Ōita), Cosme de Torres recebeu a visita do *daimyō* Ōtomo Yoshishige, que lhe deu autorização para evangelizar em suas terras.

Ao longo do tempo os padres se empenharam no domínio do idioma e da escrita de ideogramas. A atuação dos auxiliares cristãos japoneses, os *dōjuku*, foi

importante, pois ajudavam a celebrar missas e a escrever catecismos em japonês e, na ausência dos padres, chegavam a ministrar aulas de catecismo.

Entretanto, a missão dos padres não foi executada em clima de paz. Conforme Anesaki Masaharu, em *History of Japanese Religion with Special Reference to the Social and Moral Life of the Nation*, houve conflitos com os monges budistas e xintoístas, que eram muito hostis, alegando que os padres estavam querendo desestruturar as religiões do país com a introdução do cristianismo, destruindo os valores tradicionais nativos.

Entre 1560 e 1570, mesmo com a reação contrária à propagação do cristianismo, os padres iam diversificando as estratégias de evangelização. Usando os *dōjuku*, saíam às ruas para atrair as crianças às igrejas, para se tornarem cristãs e estimular a conversão de seus familiares. Utilizavam-se também de teatro como meio para atrair as pessoas, abordando temas comuns no cristianismo, como o Natal, a Paixão de Cristo e a Páscoa. Esses espetáculos eram acompanhados por corais e a leitura de textos cristãos feita em japonês por *dōjuku*.

Em torno de 1560, os missionários haviam consolidado seus principais centros de evangelização na região de Kyūshū. Conseguiram avançar na Ilha Honshū (ilha principal do arquipélago), tendo chegado até a capital Miyako (Quioto).

Um fato relevante ocorreu em 1563. Por meio do padre Luís Fróis (1532-1597) houve a conversão do *daimyō* Ōmura Sumitada de Hizen (hoje província de Saga), batizado como D. Bartolomeu, que autorizou sua suserania ser usada como um polo logístico nas passagens das missões em direção ao centro do Japão.

Com mais autonomia para circular pelo país e observando os focos de extrema pobreza e calamidade gerada pelas guerras do Sengoku Jidai, os padres Francisco Xavier e Belchior Nunes Barreto (1520-1571) sentiram a necessidade de dar atenção aos doentes. Em 1555, com a chegada do padre médico Luís de Almeida (1525-1583), iniciou-se esse trabalho de atendimento e tratamento dos doentes que serviu também como um atrativo a favor da conversão ao cristianismo.

Mas, sem recursos, os missionários tiveram que apelar para as esmolas. Com isso, foi construído o hospital de Funai em Bungo, considerado o maior do país na época. Os *dōjuku* eram treinados no exercício de enfermagem e os medicamentos eram importados da Índia e da China. Os hospitais eram usados também como postos de distribuição de mantimentos e de abrigos para carentes na época de inverno rigoroso. Foi um ponto forte da evangelização cristã baseada na ideia de caridade para

com os enfermos e carentes, e que serviu ainda para atrair as pessoas necessitadas.

Outro fato também notável na história da evangelização no Japão foi a chegada do missionário português Luís Fróis (1532-1597), em 1563. Atuando na suserania de Hizen, e tendo se destacado em Yokoseura, partiu para Miyako (Quioto), em fins de 1564, onde fez contatos bem-sucedidos com altos dirigentes, inclusive com o xogum Ashikaga Yoshiteru. Porém, Fróis sentiu a forte pressão dos monges budistas e dos *daimyō* de oposição. Logo após, em 1565, Yoshiteru foi assassinado, o que obrigou Fróis a se afastar de Miyako, por questões de segurança, retornando a Kyūshū. De 1567 a 1569 o missionário se dedicou à escrita de ideogramas e ao conhecimento dos eventos do povo japonês, como festas religiosas e cultos, tendo frequentado livremente os templos, conhecido seus rituais, suas devoções, suas divindades e participado de festas populares.

Fróis foi o padre que mais produziu manuscritos sobre o cotidiano das missões no Japão e, enquanto esteve em Hizen, o *daimyō* Oda Nobunaga conquistava a capital Miyako e grande parte das suseranias de Honshū. Diante dessa nova perspectiva política do Japão, os padres voltaram a frequentar Miyako e se aproximaram das novas autoridades. Fróis e Oda Nobunaga tornaram-se amigos a ponto de o padre ir residir num dos seus castelos em Gifu. Oda Nobunaga oferecia proteção ao exercício da evangelização e os padres trataram de trazer para a Ilha de Honshū os mercadores portugueses. Nobunaga era admirador de artigos importados pelos mercadores portugueses e introduziu as armas de fogo em seus exércitos.

De 1569 a 1582 as missões prosperaram muito em Nagasaki, mas somente em meados de 1570 passou a cidade para a tutela portuguesa, através de uma concessão dada pelo *daimyō* cristão D. Bartolomeu (Ōmura Sumitada), tornando-se, em pouco tempo, símbolo do comércio *nanban* (bárbaros do sul) e modelo de cidade cristã no extremo oriente, tendo crescido muito enquanto Nobunaga esteve no poder. Nela havia um movimento intenso de comércio com barcos vindos de Macau, de Goa e das Molucas, assim como a circulação livre de padres pelas ruas da cidade divulgando o Evangelho e desenvolvendo suas obras de caridade. Com isso a cidade cresceu e sua população dobrou atraída pela prosperidade do porto. Os padres chegaram a construir, em 1583, a Santa Casa da Misericórdia. A presença portuguesa foi digna de nota ao marcar também nas construções uma influência dos estilos arquitetônicos europeus.

Em 1579, chegava ao Japão o padre Alessandro Valignano (1539-1606), italiano, nascido em Nápoles. Havia sido enviado primeiramente para a Ásia portuguesa na condição de “visitador”. Esteve na Índia em 1573 e chegou a Macau em

1578. Pregava o modelo de conversão em que o missionário deveria adaptar-se à realidade da vida local para difundir a religião cristã. Depois de Macau, chegou ao Japão em 1579, instalando-se em Nagasaki em 1580. Preocupou-se em investir na formação dos *dōjuku*, criando um seminário na cidade de Arima, suserania de Hizen. Do encontro com Luís Fróis, em Nagasaki, surgiu a ideia da produção da *Historia de Japam*.

Enquanto perdurava a amizade com Oda Nobunaga, os missionários continuavam com as missões de evangelização em Honshū. Valignano preparou uma comitiva de jovens japoneses com o objetivo de levá-los a Roma. Informava que, em torno de 1581, existiam no Japão cerca de 200 igrejas, 20 colégios, com mais de 80 padres, dois grandes seminários e em torno de 150 mil cristãos. Devido ao crescimento do cristianismo e à necessidade de apoio de Roma, Valignano idealizou o envio de japoneses cristãos a Europa e a Roma. Essa missão, que foi chamada de Embaixada por Luís Fróis, era composta por Mancio Ito (1569-1612), Miguel Chijiwa (1569-1632), Martinho Hara (1568-1629) e Julião Nakaura (1569-1633), todos adolescentes na faixa etária de 14 a 15 anos. A partida de Nagasaki se deu em 20 de fevereiro de 1582. Valignano os acompanhou até Goa, onde, por ordem de Roma, foi obrigado a permanecer em Goa, sendo substituído pelo padre Nuno Rodrigues (1560-1678), reitor do Colégio de São Paulo, em Goa.

Os jovens também foram acompanhados pelo padre Diogo de Mesquita (1553-1614), que era mestre do Seminário de Azuchi, servindo como intérprete. A viagem foi longa, fazendo escalas em Macau e Cochim (Índia), tendo permanecido aí por alguns meses. Os jovens japoneses aproveitaram esse tempo de espera estudando latim, português, japonês, canto e música. Desembarcaram em Lisboa em 10 de agosto de 1584. Foram aí bem recepcionados e ficaram alojados no Convento de São Roque, da Companhia de Jesus.

A essa altura, em 1584, Felipe II (1527-1598), rei de Espanha e de Portugal, não se encontrava em Lisboa, e a comitiva japonesa foi recebida pelo cardeal-arquiduque Alberto de Áustria (1559-1621), vice-rei de Portugal e sobrinho do rei Felipe II. A comitiva foi recebida nos Paços da Ribeira de forma muito alegre e digna. A audiência foi conduzida através do intérprete padre Diogo de Mesquita. Permaneceram 26 dias em Lisboa, passaram por Évora, Vila Viçosa, Toledo e Madrid. No Escorial, foi dada uma audiência pelo rei Felipe II. Em 20 de março de 1585 a comitiva japonesa foi recebida em Roma pelo papa Gregório XIII (1502-1585), com muito entusiasmo e pompa.

Os “embaixadores japoneses” passaram por várias cidades da Itália e retornaram por Madrid, Évora, Lisboa, Batalha, Alcobaça. Em Coimbra, onde passaram 20 dias, assistiram às festas de Natal. Em abril de 1586, a comitiva fazia a viagem de volta e, depois de passar por Goa e Macau, agora acompanhada por Alessandro Valignano, retornava a Nagasaki em 1590.

Mas Valignano, enquanto prosseguia a viagem da comitiva a Roma, não soube da morte de Oda Nobunaga, em junho do mesmo ano de 1582, e que ele havia sido sucedido pelo daimyō Toyotomi Hideyoshi, que mudou a política em relação aos missionários cristãos. Entre 1583 e 1587, Hideyoshi reduziu a influência dos portugueses no país e decretou a expulsão dos jesuítas. Considerava a presença estrangeira uma ameaça ao processo de unificação do Japão, pois imaginava que conduziria à desarticulação política, cultural e religiosa da sociedade japonesa, como os monges budistas já alertavam. Com a ascensão de Hideyoshi ao poder, o vice-provincial Gaspar Coelho (?-1592) e o padre Luís Fróis fizeram uma visita diplomática em 1586. Não tiveram sucesso, e um ano depois, em 1587, era publicado o edito anticristão de Hakata, expulsando os padres da ilha principal de Honshū e limitando o acesso de mercadores portugueses ao país.

Apesar desse edito, o trabalho de evangelização não parou. Nagasaki, por exemplo, continuou sendo uma importante cidade portuguesa e Funai tornou-se um bispado em 1588. Em 1590, quando o padre Alessandro Valignano chegou novamente ao Japão, ampliou os quadros de *dōjuku*, ajudou na manutenção dos seminários e defendeu ideologicamente o monopólio jesuítico sobre as missões do Japão, em relação a outras ordens, como os dominicanos e os franciscanos, que se preparavam para entrar no país por ordem do papado e do rei Felipe II da Espanha (União Ibérica, 1580-1640).

Hideyoshi autorizou a entrada no país de dominicanos em 1592 e franciscanos em 1593, mas em 1597, percebendo um radicalismo por parte dos missionários, ordenou a execução coletiva de 26 cristãos, composta por franciscanos e jesuítas, fato que ficou conhecido como o Primeiro Martírio de Nagasaki. A partir daí, ficou declarada a perseguição aos membros da Companhia de Jesus bem como das demais ordens religiosas. Em 1597 houve também a morte do padre Luís Fróis em Nagasaki, já com idade avançada.

Alessandro Valignano chegou novamente no Japão entre 1598 e 1603, mas nada mais pode fazer para garantir a continuidade das missões. Em 1598, Toyotomi Hideyoshi veio a falecer e favoreceu ao *daimyō* Tokugawa Ieyasu assumir o poder, o

qual, após a Batalha de Sekigahara, em 1600, consolidou a unificação do Japão e a centralização do poder, instalando o xogunato Tokugawa.

Os mercadores portugueses ficaram muito restritos nas operações de comércio e a rivalidade hispano-holandesa se refletiu no Japão por conta da União Ibérica. As viagens portuguesas entre Macau e Nagasaki foram bloqueadas pela ação da Companhia Holandesa das Índias Orientais.

Após 1612, foi publicado um outro edito anticristão e o país ficou fechado a qualquer operação com o mundo exterior. Muitos missionários passaram a viver clandestinamente no Japão, exerceram as suas atividades religiosas e juntamente com seus adeptos foram chamados de *kakure kirishitan* (cristão escondido). Essas comunidades secretas opuseram resistência até meados de 1685 contra as ações de extermínio da religião cristã católica impostas pelo governo Tokugawa.

Figura 5. Rota do padre Francisco Xavier em 1549, a partir de Kagoshima, pelo Japão, e pontos atingidos pelos missionários jesuítas. Fonte: Teikoku Shoin, *Complete Atlas of Japan*

2.5 Proibição das atividades religiosas e comerciais dos portugueses no Japão

O suserano que dominava o país na época da chegada dos portugueses no Japão era Oda Nobunaga (1534-1582), que, em pleno Sengoku Jidai, havia recebido amistosamente os portugueses. Foi o responsável pelo início da unificação do país. Sabedor das vantagens que adviriam da ligação com os portugueses, que introduziram a arma de fogo, Nobunaga foi tolerante quanto à evangelização do cristianismo no Japão. Deu liberdade para os missionários exercerem o trabalho religioso, pois eram os intermediários com os mercadores portugueses, que promoviam transações comerciais bastante rendosas.

Graças ao comércio das armas de fogo importadas inicialmente e depois fabricadas localmente, o uso das armas na unificação do país foi fundamental. A missão da unificação foi consolidada pelo seu sucessor Toyotomi Hideyoshi (1536-1598). Este, entretanto, não se mostrou favorável à ação dos padres jesuítas, que haviam incentivado a destruição dos templos budistas e xintoístas, sendo isto considerado, segundo Matsuda Kiichi, em *The Relations between Portugal and Japan*, a causa real da ordem de expulsão dos missionários.

Em 1587 Hideyoshi promulgou a primeira ordem contra os missionários proibindo a difusão do cristianismo no Japão e restringindo as ações dos missionários, sendo seus agentes e adeptos alvo de perseguições por parte das autoridades do novo mandatário.

O comércio de escravos japoneses promovido pelos comerciantes portugueses, que era reprovado por Hideyoshi, a forte pressão dos monges budistas e xintoístas, que se opunham à cristianização do país, e o temor de ser dominado por estrangeiros, contribuíram para a proibição das ações dos jesuítas e dos comerciantes. Em 1590, após vitórias em batalhas decisivas, como a de Odawara, Hideyoshi consolida a unificação do país e torna-se o senhor absoluto das 66 suseranias do Japão.

Nesse mesmo ano, retornava ao país a embaixada de jovens japoneses que havia visitado a Europa e se encontrado com o papa Gregório XIII, em Roma, acompanhado do padre Alessandro Valignano, idealizador da viagem. Valignano, sabendo da morte de Oda Nobunaga e de sua sucessão por Hideyoshi, que não era simpático à causa dos jesuítas, solicitou um encontro com Hideyoshi, na condição de embaixador do vice-rei da Índia, Dom Duarte de Meneses (1488-1539), e para apresentar a embaixada de jovens que havia retornado de Roma. A princípio, Hideyoshi recusou-se a receber a comitiva, imaginando que a razão da visita seria a de relaxar a

ordem de proibição da ação dos padres, mas acabou cedendo.

Oferendas suntuosas foram enviadas a Hideyoshi e, em Miyako, Valignano e os membros do grupo se hospedaram em casas faustosas para causar boa impressão e mostrar *status*, o que sensibilizou e mudou a atitude de Hideyoshi, que os recebeu igualmente com pompa em 3 de março de 1591.

Entretanto, mudanças aconteceram na missão jesuítica. Em 1592, o frade dominicano Juan Cobo (?-1592), na condição de embaixador do governador espanhol das Filipinas, chegava ao Japão e também os primeiros franciscanos das Filipinas. Com isso, também marcava o fim do monopólio dos jesuítas na evangelização do Japão.

Em 1596 ocorreu um incidente com o barco *San Felipe*, que, na sua viagem de Manila a Acapulco (México), naufragou em Tosa, na ilha de Shikoku com vários missionários a bordo. A declaração de um padre, de que “a cristianização seria o primeiro passo para a conquista do Japão”, tinha repercutido muito e chegado aos ouvidos de Hideyoshi. Hideyoshi conhecia a história da Espanha nas Américas e nas Filipinas, com as ações de dominação e ao saber da declaração do padre foi tomado de ira, culminando na perseguição e na morte dos 26 mártires cristãos de Nagasaki em 5 de fevereiro de 1597.

Em 18 de setembro de 1598 Hideyoshi faleceu por motivos de doença. Seu sucessor, o filho Hideyori (1593-1615), era menor de idade e ficou sob a guarda de Maeda Toshiie (1538-1599), *daimyō* do grupo político Godairō de Hideyoshi, composto após sua morte. Ieyasu ficou encarregado das tarefas ligadas à política. Logo em seguida, com a morte de Toshiie, tudo era favorável a Ieyasu assumir o poder. Temendo-se o risco de o poder ser tomado por parte de Ieyasu, um *daimyō*, Ishida Mitsunari (1560-1600), do grupo burocrático Gobugyō de Hideyoshi, juntou-se a outros *daimyō* contrários à intenção de Ieyasu e travaram a Batalha de Sekigahara em Mino (na hoje província de Gifu), em 15 de setembro de 1600, sendo no entanto derrotados, consolidando Ieyasu a posição de soberano absoluto da nação japonesa.

Ainda em 1600, chegavam os primeiros holandeses e pouco depois os ingleses. Depois da Batalha de Sekigahara, Ieyasu permitiu que os jesuítas retomassem a sua missão em Quioto, Ōsaka e Nagasaki. Essa suposta benevolência para com os jesuítas, no entanto, deveu-se ao interesse econômico. Nesse período, Tokugawa Ieyasu tentou manter relações comerciais entre o Japão do leste, Edo (hoje Tóquio) e Kantō (região em torno de Tóquio) com Luzon (Filipinas) através do frade franciscano Jerônimo de Jesus(?-?). Esse comércio com as Filipinas, porém, não prosperou como esperado.

Em 15 de janeiro de 1603, Ieyasu ganhou o título de xogum instalando a dinastia Tokugawa em Edo (Tóquio) e impôs duríssimas medidas contra os jesuítas, com perseguições, execuções e fechamento do país aos povos europeus católicos.

O litígio existente entre a Espanha e a Holanda se refletiu no Japão devido à União Ibérica entre Espanha e Portugal. Por ação da Companhia Holandesa das Índias Orientais, criada em 1602, as viagens dos mercadores portugueses entre Macau e Nagasaki foram bloqueadas.

Em 1612, com a promulgação de uma outra ordem anticristã, o Japão ficou fechado a qualquer intervenção externa. Muitos estrangeiros passaram a viver clandestinamente, e os missionários e adeptos católicos usaram de muitos artifícios para se camuflar e não serem punidos, e por isso, como já foi visto anteriormente, foram chamados de *kakure kirishitan* (cristão escondido). Em 1639, foi promulgada a lei Sakoku do Isolamento do País, cerrando os portos aos estrangeiros, com exceção de mercadores holandeses e chineses através da ilha de Dejima, em Nagasaki.

Os holandeses intensificaram cada vez mais as intervenções marítimas no oriente, Ásia e sudeste asiático, tomando e ocupando as posições estratégicas de comércio antes dos portugueses. Já percebendo o declínio do império colonial português, principalmente na Ásia, os mercadores portugueses foram cedendo o poderio dos mares e de suas conquistas aos holandeses. Com isso, aliada à lei do isolamento imposta pelo governo Tokugawa, a atividade comercial portuguesa com o Japão também foi extinta.

As comunidades católicas secretas (*kakure kirishitan*) opuseram resistência à proibição até por volta de 1685, quando, então, cessou qualquer atividade aberta ligada ao catolicismo.

CAPÍTULO 3 – CONTRIBUIÇÕES PORTUGUESAS TRANSMITIDAS AOS JAPONÊSES

Este capítulo aborda as contribuições dos portugueses de natureza cultural, científica, artística e social, transmitidas na sociedade japonesa da época, nos locais de atuação dos missionários jesuítas. No convívio quotidiano das atividades religiosas e domésticas, ao longo de 90 anos de permanência dos portugueses, muita coisa se passou, e até hoje notam-se resquícios dessas intervenções.

Serviram de base para a elaboração deste capítulo as obras de Charles Ralph Boxer, Armando Martins Janeira e João Paulo Oliveira Costa, além de diversas outras obras – todas indicadas na Bibliografia – de autores tais como: Arima Seiho, Ayusawa Shintarō, Nanpo Bunshi, Teresa Canepa, Doi Tadao, Fernando V. Peixoto Fonseca, Higuchi Kiyoyuki, Hirose Hideo, Hora Tomio, Ienaga Saburō, Koga Jūjirō, Bitō Masahide, Matsuda Kiichi, José Mattoso, Miki Tamon, Miyanaga Tadashi, Nakamura Hajime, Nakayama Shigeru, Sasaki Minoru, Dorotheus Schilling, Suzuki Masaya, Luís Felipe Thomaz, Tsuji Tetsuo, Tuge Hideomi, Udagawa Takehisa, Alessandro Valignano e Paul Varley.

3.1 Contribuições culturais dos portugueses em sua permanência no Japão

A influência portuguesa abrangeu aspectos religiosos, políticos, culturais e econômicos. A influência religiosa foi importante, pois, por meio dela, ocorreram as manifestações de ordem política, cultural e econômica. Politicamente, os missionários serviram como representantes dos dirigentes europeus latinos perante as autoridades japonesas. O Japão atravessava momentos instáveis com muitos conflitos e guerras civis e se achava desintegrado no período do Sengoku Jidai. A introdução fortuita das armas de fogo pelos mercadores portugueses foi estratégica nesse momento histórico, pois, encurtando o tempo das batalhas, acelerou o processo de integração do país.

No episódio do problema da escravidão japonesa, prática condenada pelas autoridades, os missionários jesuítas interferiram junto às autoridades da Corte portuguesa, que, em 1570, haviam conseguido uma Ordem de Lisboa, em nome do rei D. Sebastião (1554-1578) de Portugal, proibindo formalmente este comércio escravagista, mas que, no entanto, não foi cumprida por negligência das autoridades sediadas na Índia portuguesa, até o início do século XVII, em 1603, quando, às custas da pressão de Toyotomi Hideyoshi, a Corte ibérica emitiu ordens mais rigorosas. Mas mesmo assim as autoridades de Goa não chegaram a cumprir a ordem.

Do ponto de vista cultural, os missionários jesuítas eram dotados de uma formação extrarreligiosa e multidisciplinar, que permitiu transmitir aos adeptos do cristianismo conhecimentos modernos da civilização europeia da época. Com o ensino da religião vieram primeiramente ensinamentos do idioma português, do latim e da música sacra, com seus instrumentos e cantos. Posteriormente, foram transmitidos conhecimentos de matemática, geografia, história natural, astronomia, agrimensura, cartografia, tipografia, construção civil, farmacologia, medicina, mineração-metalurgia, construção naval, navegação, fabricação de armamento, arte militar da guerra, fabricação de vinho. Para a construção naval, navegação, construção civil, mineração, metalurgia contaram com a ajuda de especialistas europeus latinos.

Nas artes, os portugueses levaram a literatura, a pintura, a escultura e a música. Nos costumes, introduziram novos hábitos nas vestimentas, na alimentação de carne de animais e de doces e na ingestão de bebida alcoólica a partir de outros produtos, além do arroz. Introduziram também o tabaco, a carta de baralho e o sabão.

Do ponto de vista econômico, obteve-se um comércio muito vantajoso pela intermediação dos mercadores portugueses com os portos chineses e das colônias portuguesas no oriente e sudeste da Ásia.

A divulgação das artes e ciências ocidentais foi feita pelos missionários e pelos mercadores. A sua transmissão aos japoneses era conduzida por meio de conversas e discussões, com muita dificuldade, no início, devido a problemas de comunicação. Os missionários dispunham de escola junto a cada igreja. Ao longo desse processo de aculturação, os missionários contavam, em 1583, com 200 escolas, com cerca de 12 mil alunos, além de seminários e colégios. O padre Alessandro Valignano havia instalado um seminário em Arima (a leste de Nagasaki), onde se ministravam japonês, latim, português, história do Japão, literatura, matemática, música, pintura, gravura, além de fundamentos de filosofia e teologia. Esse seminário era frequentado por cerca de 100 alunos.

Cabe assinalar que, quanto às ciências europeias, obteve-se pouco desenvolvimento, mas o suficiente para abrir caminho para o aprofundamento das ciências ocidentais, através dos holandeses, que entraram posteriormente no Japão, e também com o grande surto que estava por vir após a reabertura do Japão ao mundo no futuro.

Medicina

A medicina conhecida e praticada no Japão antes do envolvimento com os portugueses era a chinesa, introduzida em meados do século VI, através de médicos e farmacêuticos chineses e também de estudantes japoneses que foram à China para aprender. A medicina chinesa, conhecida como *Kanpō Igaku*, era aplicada com práticas de feitiçaria e rituais místicos budistas. Nesta medicina estava incluída a técnica da acupuntura, da massagem e uso de algumas drogas. O tratado *Honzō-Gaku (Estudo das Ervas)*, de 1610, era uma das obras que ensinava aplicar as ervas, cuja prática estava a cargo dos monges budistas.

Quando os portugueses introduziram a medicina ocidental, chamada de *Nanban Igaku*, foi provocado grande impacto na medicina japonesa, que se encontrava muito associada a superstições e feitiçarias. Essa nova medicina era aplicada com as ervas e as drogas asiáticas. O uso das drogas asiáticas já fora registrado pelo boticário Tomé Pires (1465-1540) que apresentou as drogas de Malaca e Índia na sua obra *Suma Oriental*, publicada em 1516, e também por Garcia de Orta (1501-1568), no *Tratado de Simples e Drogas*, em 1563.

Luís de Almeida (1525-1584), mercador e licenciado em medicina, foi quem

introduziu a medicina europeia no Japão. Ele se converteu missionário e exerceu a medicina no Japão como uma atividade filantrópica da Igreja. Fundou em Funai (hoje província de Oita), em 1556, uma creche para abrigar crianças desamparadas e depois abriu um hospital. Luís de Almeida usava drogas e ervas importadas de países asiáticos e que provinham de Macau. Diante dos resultados satisfatórios, a sua reputação se espalhou e aumentou o número de doentes que acorriam ao hospital. O missionário contava com seus assistentes japoneses, que eram preparados por ele para auxiliarem nas tarefas hospitalares. Além do tratamento clínico geral, Almeida procedia também aplicações cirúrgicas simples, realizadas pela primeira vez no Japão.

Os ensinamentos de Luís de Almeida e dos seus companheiros deram origem a uma escola de medicina cirúrgica conhecida como Nanban Ryū. Entre os seus discípulos, destaca-se Yamamoto Gensen, que, em 1619, escreveu o livro mais antigo sobre cirurgia no Japão, *Bangai Shuyō (Coletânea Sumária dos Conhecimentos Médicos)*. A fama do seu trabalho se tornou conhecida no Japão chegando até a capital Miyako (Quioto) e a região de Kantō, a leste do Japão (em torno de Tóquio atual).

O padre jesuíta português Cristovão Ferreira (1580-1650), outro missionário cirurgião, se apostatou em 1633, após ser torturado. Foi obrigado a se casar com uma japonesa e a servir o xogum do clã Tokugawa, tendo que mudar o nome para Sawano Chūan, naturalizando-se. Praticou a medicina e escreveu o livro *Nanban Geka Hidensho (Tradição Secreta da Cirurgia Nanban)*.

Astronomia

A astronomia europeia teve grande repercussão no Japão e também na China, em razão da crença de os fenômenos celestes exercerem muita influência na vida social e individual das pessoas. Por meio de exposições sobre os conhecimentos astronômicos, os missionários impressionaram muito os japoneses, o que serviu para a conversão ao cristianismo, conseguindo convencê-los da existência de Deus. Era, portanto, importante para a evangelização que todos os missionários fossem dotados de conhecimentos de astronomia.

Os jesuítas não levaram para o extremo oriente a teoria heliocêntrica do astrônomo polonês Nicolau Copérnico, lançada em 1543, pois contrariava a teoria geocêntrica de Ptolomeu, doutrina oficial da Igreja, que se manteve na Europa ainda por muito tempo. No Japão, a teoria heliocêntrica só foi introduzida em fins do século

XVIII, pelo tradutor Motoki Ryōei (1735-1794). Este tema, no entanto, não constituía na época o foco das atenções, pois o interesse residia na aplicação da astronomia à navegação. O primeiro livro no Japão sobre a astronomia ocidental é o do frei Pedro Gomes, publicado em 1594. Em 1618 apareceu o livro sobre navegação *Genna Kōkaisho* (*Livro Náutico da Era Genna*) de Ikeda Kōun, em que se aborda o uso da bússola, do quadrante, do astrolábio e de medições de uso náutico através da astronomia. Ikeda Kōun acompanhava os navios dos comerciantes portugueses e aprendeu com eles a arte da navegação.

A teoria da esfericidade da Terra foi novamente exposta em 1650, num livro português traduzido por Cristovão Ferreira, o apóstata Sawano Chūan.

João Rodrigues, em *História da Igreja do Japão*, trata acerca da astronomia, do calendário e das matemáticas na China e no Japão, mas não teve repercussão pois se manteve na forma manuscrita dificultando a divulgação desses conhecimentos. Sua publicação só viria a acontecer no século XX e, ainda assim, grande parte a partir de cópias manuscritas no século XIX.

O calendário astronômico foi introduzido no Japão através da China no século VI. Em 862 foi adotado o calendário chamado Senmyō, sendo usado por oito séculos, até o Período Tokugawa, quando o calendário lunar europeu, baseado nos movimentos da lua, o substituiu. Através dos missionários jesuítas conhecedores de astronomia, cosmologia e astrologia foram apontados ajustes para dar um sentido objetivo contra o caráter de superstição e de adivinhação ao calendário vigente até então.

Geografia

Os conhecimentos de geografia que os japoneses tinham eram muito incipientes. Pensava-se que o mundo consistia apenas de Japão, China, Índia e não havia a noção da existência de Europa, África e América. A partir da chegada dos portugueses, os japoneses demonstraram muito interesse em obter informações sobre o resto do mundo. A embaixada de jovens japoneses católicos enviada a Roma em 1582, sabendo do interesse de Toyotomi Hideyoshi por assuntos de natureza geográfica, trouxe entre os presentes de Roma, Portugal e Espanha, um exemplar do atlas mundial de Abraão Ortelius (1527-1598), composto por 53 mapas.

A teoria da esfericidade da Terra surgiu pela primeira vez em 1650 na obra *Kenkon Bensetsu* (*Acerca do Universo*). O primeiro mapa-múndi e a primeira esfera

armilar feitos no Japão apareceram em 1630 através de Fukada Seishitsu (?-1663).

Cartografia

Em 1645 foi publicado em Nagasaki um mapa-múndi denominado *Bankoku Sōzu* (*Mapa Universal do Mundo*), baseado no mapa do jesuíta Matteo Ricci (1552-1610), que atuava na China, escrevera também obras em chinês sobre geografia, astronomia e matemática, que também exerceram grande influência no Japão.

Ciências Náuticas, Navegação e Construção Naval

O já mencionado *Genna Kōkaisho* (*Livro Náutico da Era Genna*), escrito por Ikeda Kōun, retrata a arte da navegação aprendida com o capitão Manuel Gonçalves, durante uma viagem a Manila, Filipinas, em 1619, e que resume todas as técnicas de navegação usadas pelos navegadores portugueses, que constituíam as mais avançadas do mundo, resultado da experiência das grandes navegações pelo mundo e da técnica acumulada por Portugal, desde os princípios da Escola de Sagres.

Os japoneses tinham muita admiração pelos barcos portugueses, que, na época, representavam uma técnica avançada de construção. Nenhum outro país tinha produzido barcos de grande tonelagem que chegavam a 2 mil toneladas. Estimulados pelo exemplo português, os japoneses procuraram construir navios usando essas novas técnicas. Causaram muita preocupação aos portugueses, que receavam os japoneses serem capazes de construir a sua própria frota de barcos mercantes, que os possibilitaria competir com eles no rico comércio com Macau e outros portos.

Arte e Ciência Militar

Os portugueses introduziram no Japão as armas de fogo e os canhões, que foram rapidamente assimilados pelos japoneses. Existe um livro que registra a chegada dos portugueses trazendo espingardas ou mosquetes (*teppō* em japonês). O livro chama-se *Teppō-ki* (*Livro das Espingardas*), que foi escrito no período de 1596 a 1606 pelo monge budista Nanpo Bunshi (1555-1620).

Inicialmente as armas de fogo e os canhões eram importados da Índia, a pedido dos *daimyō*, os senhores das várias suseranias que formavam o Japão, mas pouco tempo depois os armeiros japoneses já dominavam a técnica de fabricação de espingardas e canhões e, em fins do século XVI, já eram fabricados, principalmente, em Negoro (na província de Wakayama), Sakai (na província de Ōsaka) e Kunitomo (na província de Shiga).

Com esses instrumentos de guerra mudou-se a arte de combate, pois, com eles, os atiradores de artilharia atuavam coletivamente em grupos, abrindo as frentes de combate para a ação de atiradores de flechas e soldados de lanças. As armas de fogo, por não requererem muito tempo de adestramento, permitia que até mesmo camponeses, os *ashi-garu*, fossem recrutados no campo, em grande número, para serem atiradores de *teppō*. Todos atuavam como soldados de infantaria e os combates ficaram mais curtos e decididos em menor tempo.

A unificação do país levada a cabo por Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi deve em muito ao uso dessas armas de fogo. Os japoneses aprenderam dos portugueses a técnica militar e o emprego de armamento bélico e, em fins do século XVI, foi lançado o primeiro tratado de artilharia japonês – *Inatomi Ryū Kajutsu* (*Tratado de Artilharia de Inatomi*), de Inatomi Ichimu (1552-1611).

Tipografia-Impressão

Os missionários jesuítas introduziram no Japão a tipografia com tipos metálicos móveis. No regresso da embaixada de jovens japoneses católicos ao Japão, o padre jesuíta Alessandro Valignano, que os acompanhou desde Goa, levou uma máquina de imprimir que já tinha sido usada em Goa e Macau. A tipografia europeia original, de 1590, foi posteriormente ampliada com a inclusão de tipos para a escrita japonesa fonossilábica *katakana*, *hiragana* e escrita de caracteres *kanji*. Dessa tipografia, entre 1591 e 1614, foram produzidas obras religiosas, literárias e de estudos de língua japonesa.

Dos livros de caráter doutrinário destacam-se: *Imitatio Christi* ou *Contemptus Mundi* de Tomas de Kempis (1380-1471), *Doctrina Cristiana*, *Fides no Doxi* parte da obra *Introdução ao Símbolo da Fé* e *Guia de Pecadores*, do frei Luís de Granada (1504-1588), e *Exercitia Spiritualis*, de Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus.

Dos estudos de língua citam-se *De Institutione Grammatica*, de Emanuel Álvares S.J. (1526-1583), e *Dictionarium latino-lusitanicum ac japonicum*, *Vocabulário de Lingoa de Japam* e *Arte de Lingoa de Japam*, do padre João Rodrigues (1561-1634).

Entre as obras literárias foram impressos textos em caracteres latinos, como *Taiheiki* (*Crônica da Grande Pacificação*), *Wakan Roei-shū* (*Coleção de poesia Nipo-Chinesa*), *Kinku-shū* (*Coleção de Provérbios*), *Heike Monogatari* (*Contos de Heike*) e outros. Entre as de caráter didático constam o *Esopu no Fabulas* (*Fábulas de Esopo*), tradução em japonês, assim como antologias de autores gregos e romanos, como Homero, Platão, Aristóteles, Sêneca e Cícero.

Arquitetura, Construção Civil, Urbanismo

A influência portuguesa na arquitetura apareceu na construção de escolas e de castelos. As escolas de Arima, Azuchi, Funai e Usuki foram exemplos típicos, além de outros edifícios para fins religiosos que posteriormente acabaram sendo destruídos. Nos castelos foi empregada a arquitetura militar, com muros espessos de pedras servindo de fundação para a edificação alta de argila e madeira revestida de cal, que constituía na sua parte central a torre do castelo, chamada de *tenshu-kaku*, em que se procedeu a mescla dos elementos tradicionais da arquitetura japonesa com a europeia.

Os castelos eram fortificados para resistirem aos ataques de projéteis de mosquetes e canhões, que já faziam parte da artilharia de guerra no Japão, introduzidos pelos próprios portugueses. A construção do castelo era rodeada de fossos profundos e largos para dificultar o acesso dos soldados inimigos. Dentre esses castelos pode-se citar o castelo de Ōsaka, construído por Toyotomi Hideyoshi, de 1583 a 1590, que se destacou pela grandeza e imponência, com nove patamares na construção da torre, assim como o castelo de Himeji (província de Hyōgo), pela elegância e beleza. O maior de todos o castelo de Azuchi, perto do lago Biwa, tinha seus muros de pedra de 22 metros de altura e com sete patamares na estrutura da torre, mas foi destruído durante as batalhas do Sengoku-jidai.

Quanto ao urbanismo, a cidade de Nagasaki seguiu o modelo europeu concebido pelos portugueses. Diferente das demais cidades japonesas, em que se planejava em planícies ou em planaltos normalmente planos, seguindo as regras urbanísticas chinesas, com as ruas traçadas em xadrez, como as das antigas capitais

Nara e Quioto, em Nagasaki adotou-se a topografia acidentada do terreno para implantar a cidade visando a uma melhor defesa contra os invasores e com boa visão para o mar.

Devido à forte influência dos portugueses junto às autoridades locais japonesas, Nagasaki gozou de autonomia e regalias constituindo-se no centro cristão do Japão. Aí se concentravam os cristãos perseguidos, os missionários e comerciantes portugueses e os tripulantes dos navios que permaneciam em Nagasaki de junho a fevereiro, devido a não ocorrência dos ventos monções, e também os comerciantes espanhóis e chineses, além da população local que vivia do comércio e do contato com os estrangeiros. Nagasaki tinha uma população quase exclusivamente cristã. Mesmo após o fechamento do Japão ao exterior, continuou sendo um porto importante para o comércio com Macau.

Depois da expulsão dos católicos e comerciantes portugueses, a influência portuguesa em Nagasaki foi diminuindo tanto do ponto de vista comercial como do religioso, e por fim ficou a população reduzida aos adeptos que continuaram na sua fé, chegando a praticar secretamente para fugir das punições impostas pelas autoridades.

Artes

Com a larga formação e experiência que os missionários jesuítas eram dotados, foram introduzidas também as artes, principalmente relacionadas com a religião. O teatro ocidental também foi introduzido, mas ligado a temas religiosos, oriundos dos Evangelhos, com representações em épocas próprias do Natal e da Páscoa, não apresentou continuidade.

A pintura europeia causou impacto na pintura japonesa, o que não ocorreu com relação à escultura e à música. Foram ensinados os processos de pintura a óleo e de mural e criadas escolas onde se aplicavam essas técnicas, que funcionavam anexas a seminários e colégios. Os missionários levaram ao Japão quadros a óleo de santos e de imagens sacras. Com a expansão do cristianismo, os pedidos não davam conta da demanda e passaram a ser oferecidas reproduções de pintores japoneses, sendo que muitas dessas cópias não tinham valor como obra de arte. Porém, apareceram grandes pintores, como Kanō Eitoku (1543-1590), considerado um dos maiores pintores da época na história das artes do Japão.

A influência ocidental mais notável nessa arte foi exposta nos biombos Nanban,

e os pintores que se destacaram eram das escolas Kanō, Tosa e Sumiyoshi. Os temas desses biombos eram motivos portugueses, como sua chegada ao Japão, ou cortejos de comitivas portuguesas. Figuras japonesas também apareceram nos biombos, onde se viam vestindo fatos portugueses, portando rosários, cruzes, como costumavam fazer os missionários. Com o passar do tempo os temas passaram a ser livres, porém as proibições com relação ao cristianismo inibiram a sua expansão. A Figura 8, à página 56, mostra um biombo onde um jovem usa um rosário como adorno.

Na pintura de mural, a influência ocidental não foi desprezível, aplicando-se o uso de perspectiva, o que permitiu que a pintura japonesa evoluísse libertando-se da técnica antiga, e adotando-se muito colorido nas pinturas de murais.

A música também fazia parte do cotidiano religioso dos missionários. Nas escolas eram ensinados canções e hinos religiosos, que eram cantados em latim e português. Havia cursos especiais de música tanto vocal como instrumental. O estilo de música era a gregoriana, polifônica. Foram introduzidos instrumentos como órgão, cravo, viola, harpa, violino alaúde, charamela. Na época, os poucos instrumentos musicais japoneses eram o *shamisen* (instrumento de três cordas), *koto* (harpa horizontal), *biwa* (espécie de mandolim), flauta e tambores para acompanhar a declamação do cantor. Por influência do canto gregoriano, criou-se através do compositor Yatsushashi Kengyō (1614-1685), a adaptação do credo gregoriano em harpa japonesa *koto*, quase no final da estadia dos portugueses no Japão, já no Período Tokugawa.

Conta-se que a embaixada japonesa de jovens enviada à Europa tocou órgão na catedral de Évora. No regresso ao Japão, diante de Hideyoshi, tocaram harpa e violino, causando muita admiração entre os japoneses, sendo requisitados a repetir três vezes.

Por estar ligada a atividades religiosas cristãs que estavam sendo proibidas, a música não teve repercussão nem continuidade e caiu no esquecimento após a expulsão dos portugueses do Japão.

Figura 6. Manto português de veludo do *daimyō* Uesugi Kenshin. Fonte: Templo Uesugi, Yonezawa-Yamagata

Figura 7. Armadura de estilo português, com peitoral de proteção dupla metálica, reforçada com elementos metálicos, costura em feltro grosso do pescoço ao braço. Fonte: Acervo do Museu Nacional de Tóquio

Figura 8. Biombo de jovem usando rosário como ornamento no “Matsuura Byōbu”. Fonte: Acervo do Museu de Arte Yamato, Nara

3.2 Legado dos portugueses no cotidiano japonês

A influência exercida pelos portugueses nos costumes sociais do Japão foi relevante apesar de o número de portugueses ter sido limitado e o tempo de residência e de convivência, reduzido. A influência na comunicação, no vestuário, na culinária e nas atividades do dia a dia ocorreu no relacionamento que os portugueses mantiveram com os japoneses. Os trabalhos de evangelização e de comércio estavam baseados principalmente na ilha de Kyūshū e particularmente em Nagasaki, portanto, a presença dos portugueses era marcante mais nessas regiões. No entanto, com o decorrer dos tempos, as ações dos portugueses se expandiram também em direção ao norte, rumo à capital Miyako (Quioto), aproximando-se até dos círculos da Corte imperial.

Através das escolas fundadas pelos missionários, a difusão da cultura ocidental latina se processou rapidamente pela educação e pela convivência com seus adeptos estudantes que anualmente se diplomavam em grande número, passando a estes a responsabilidade pela disseminação dos ensinamentos e dos costumes ocidentais no seio da comunidade. Nas escolas eram ministrados o latim, o português, o japonês escrito, canto e instrumentos musicais. Os portugueses foram os antecessores da escrita em alfabeto latino, que os japoneses chamariam posteriormente de *roma-ji*, que foi largamente aplicada de 1556 a 1642, muito antes da adoção do sistema Hepburn de transliteração atual.

Graças aos seminários implantados pelo padre Alessandro Valignano os estudantes também recebiam conhecimentos de geografia, astronomia, matemática, pintura, gravura e fundamentos de filosofia e teologia cristã.

Despertava muito o interesse dos japoneses os usos e costumes europeus, assim como a maneira de vestir. Muitos japoneses começaram a usar peças do vestuário europeu, tornando-se uma moda da época, como se pode constatar nas pinturas de biombos onde aparecem japoneses usando indumentárias europeias, como o “calção”, lenços, rosários e crucifixos. Chapéus com aba eram apreciados principalmente pelos jovens, assim como capas de chuva europeias. Segundo o padre Gaspar Coelho, em visita ao castelo de Ōsaka, sabe-se até que Toyotomi Hideyoshi vestia fato português e usava cama europeia. Muitos senhores de outras suseranias e membros da Corte também seguiam os costumes portugueses. Nessa época introduziu-se também as meias para calçar. As Figuras 6 e 8, à página 56, mostram peças do vestuário português e indumentárias cristãs usadas pelos japoneses.

As cartas de jogar foram introduzidas no Japão através do comércio em meados

do século XVI. Eram trazidas pelos tripulantes marinheiros dos barcos mercantes onde se jogavam como lazer. Tinham desenhos e imagens coloridas que atraíram o interesse dos japoneses. Depois uma versão japonesa foi produzida na região de Chikuzen (hoje, na província de Fukuoka). Este jogo tornou-se muito popular e passou a ser praticado a dinheiro, sendo proibido pelas autoridades em 1597. O tabaco também foi introduzido nessa época e desde então o ato de fumar começou a fazer parte dos hábitos dos japoneses.

Na culinária, a influência dos portugueses também se fez presente. As frituras, hoje conhecidas como *tempura*, tiveram suas receitas transmitidas pelos portugueses, que também ensinaram os japoneses a ingerir carne de animais, como galinhas, patos, coelhos, porcos e vacas. Ocorreu a resistência da população, pois os japoneses consideravam bárbaro o sacrifício desses animais para se alimentar, porque os animais domésticos eram tidos como de estimação e sujos como alimentos.

Quanto às frutas, os portugueses introduziram os marmeleiros, as oliveiras, as figueiras, os pessegueiros e, das já existentes, as videiras, que os japoneses não tinham o hábito de consumir como alimento. As uvas silvestres, pretas, foram usadas para a fabricação de vinho, quando também surgiu o alambique (chamado de *ranbiki pelos japoneses*) para o seu preparo. Os japoneses aprenderam também a fabricar pão, o bolo *kasutera* (espécie de pão de ló), bem como doces, caramelos e confeitos.

Descreve-se, a seguir, a cronologia dos fatos ligados aos usos e costumes, baseada nos dados colhidos nos arquivos do Museu de História e de Cultura de Nagasaki:

- 1550 - audição de música ocidental de cantos sacros em latim;
- 1550 - introdução do pão em Hirado;
- 1554 - introdução do bolo (*kasutera*), em Hirado, e do alfeloá (doces), em Nagasaki, e uso do alambique (*ranbiki*) para fabricação de bebida alcoólica (com arroz e trigo) e vinho;
- 1573 - introdução da abóbora do Camboja *originando a palavra kabocha*;
- 1576 - introdução da batata de Jacarta, por isso chamada *jagaimo*;
- 1579 - introdução da melancia e do milho;
- 1579 - introdução do órgão de tubos, pelo padre Alessandro Valignano, em Minami Shimabara;
- 1590 - introdução da máquina tipográfica, pelo padre Alessandro Valignano, quando de regresso da Embaixada de Jovens Japoneses da viagem à Europa,

em Minami Shimabara;

- 1601 - introdução do tabaco, em Hirado;
- 1603 - introdução do relógio ocidental com construção de torre em Nagasaki, pelo padre artista Giovanni Nicolao (1560-1626), que deu origem ao bonecos *karakuri*, automação mecânica a base de engrenagens.

Do ponto de vista linguístico, as contribuições portuguesas na época da evangelização foram grandes, principalmente levando-se em conta os termos religiosos em latim e em português. Além disso, devido às ações dos missionários no dia a dia, de convivência com os adeptos e devido à formação multidisciplinar dos missionários em várias áreas do conhecimento humano, palavras ligadas aos costumes sociais, às artes e às ciências também foram transmitidas.

O historiador Koga Jūjirō assinala que em fins do século XVI, em Kyūshū os estudantes, sob a tutela dos portugueses, usavam cerca de 4 mil vocábulos portugueses e latinos no seu dia a dia. Nos dias atuais, decorridos cerca de quatro séculos depois, muita coisa caiu em desuso e se perdeu no esquecimento, permanecendo na memória, na prática e no uso, algumas centenas desses vocábulos.

Os portugueses foram os primeiros a traduzir a língua japonesa para uma língua europeia. Os padres jesuítas portugueses compilaram o dicionário japonês-português *Nippo Jisho* (o *Vocabulario da Lingoa de Japam*) e o publicaram em Nagasaki em 1603. O padre João Rodrigues (1561-1633) é o autor do manual de gramática *Nippon Daibunten*, a *Arte da Lingoa de Japam*, também impresso em Nagasaki, entre 1604 e 1608. O dicionário japonês-português contém 32 mil vocábulos japoneses traduzidos para o português.

Em razão da atividade de evangelização dos missionários jesuítas, os vocábulos latinos ou portugueses usados, em maior quantidade, eram ligados à religião. Portanto, com a proibição do exercício do catolicismo no Japão imposta pelo governo Tokugawa no século XVII, gradativamente esses termos, que já eram de uso restrito somente na comunidade católica, deixaram de ser usados ou caíram no esquecimento. Entretanto, vocábulos ligados às ciências, às artes e aos costumes sociais, que eram de uso mais generalizado, se expandiram e se mantiveram em bom número, ao longo do tempo, e hoje, se não usados com frequência, constam nos dicionários e enciclopédias de língua japonesa.

Passamos a seguir uma lista dos vocábulos portugueses mais representativos em várias áreas de envolvimento dos portugueses que ainda hoje se mantêm no léxico

japonês, compilados por Armando Martins Janeira, Fernando V. Peixoto da Fonseca, Doi Tadao, entre outros.

QUADRO II Vocábulos
religiosos

Vocábulo adotado	Português	Vocábulo adotado	Português
Abito	Hábito	Kirishitan	Cristão
Amen	Amém	Kirisuto	Cristo
Anjo	Anjo	Kon-hisan	Confissão
Aposutoro	Apóstolo	Kurêdo	Credo
Areruya	Aleluia	Korejio	Colégio
Arutaru	Altar	Kurusu	Cruz
Bateren	Padre	Mandamento	Mandamento
Bauchizumo	Batismo	Maruchiri	Mártir
Bisupo	Bispo	Maruchiryo	Martírio
Chirindade	Trindade	Medai	Medalha
Deusu	Deus	Memorya	Memória
Domingo	Domingo	Misa	Missa
Entenjimento	Entendimento	Misuteryo	Mistério
Esuita	Jesuíta	Nataru	Natal
Esuperansa	Esperança	Oratorio	Oratório
Ebanzeryo	Evangelho	Orugan	Órgão
Furade	Frade	Osuchiya	Hóstia
Garasa	Graça	Pappa	Papa
Gurorya	Glória	Pasukuwa	Páscoa
Paraizo	Paraíso	Poroheta	Profeta
Pasukuwa	Páscoa	Rerijion	Religião
Idea	Idéia	Rozaryo	Rosário
Iesu	Jesus	Santa	Santa
In-heruno	Inferno	Santamaria	Santa Maria
Iruman	Irmão	Santo	Santo
Jabu	Diabo	Seminaryo	Seminário
Judeyo	Judeu	Shinnhoro	Senhor
Karisu	Cálice	Supiritosanto	Espírito Santo
Katekizumo	Catecismo	Tentasan	Tentação

Katorikku	Católico	Zejun	Jejum
-----------	----------	-------	-------

QUADRO III

Vocábulos geográficos, de navegação, de vestuário e de alimentação

Vocábulo adotado	Português	Vocábulo adotado	Português
Geográficos		De navegação	
Afurika	África	Bateira	Bateira (barco)
Ajiya	Ásia	Esukudo	Escudo
Yoroppa	Europa	Gariuta	Galeota
Girisha	Grécia	Kapitan	Capitão
Igirisu	Inglaterra	Konpasu	Compasso
Isupania	Espanha	Piroto	Piloto
Itariya	Itália	De alimentação	
Jagatara	Jacarta	Amendo	Amêndoa
Oranda	Holanda	Aruheto	Alfeloá
Porutogaru	Portugal	Bisukoito	Biscoito
Shamu	Sião	Bobura	Abóbora
Yudaya	Judéia	Boro	Bolo
De vestuário		Hikado	Picado
Birōdo	Veludo	Kabocha	Abóbora Cambódia
Botan	Botão	Kohii	Café
Chokki	Jaque (colete)	Karameru	Caramelo
Gorugoran	Gorgolão	Kashuu	Caju
Jiban	Gibão	Kasutera	Bolo Castela
Kanakin	Canequim	Kokinyo	Coquinho
Kappa	Capa	Kokoa	Cacau
Karusan	Calção	Konpeito	Confeito
Manto	Manto	Marumero	Marmelo
Meriyasu	Meias	Masan	Maçã
Rasha	Raxa	Oreyo	Óleo
Sarasa	Saraça	Pan	Pão
Shuchin	Cetim	Sarada	Salada
		Tenpura	Tempera, tempero
		Waka	Vaca

		Zabon	Zâmboa
--	--	-------	--------

QUADRO IV
Vocábulos diversos

Vocábulo adotado	Português	Vocábulo adotado	Português
Arukoru	Álcool	Medai	Medalha
Baiyon	Baião	Miira	Mirra
Banko	Banco	Onbu	Ombro
Barusamo	Bálsamo	Orijinaru	Original
Beranda	Varanda	Pan-ya	Panha
Biidama	Bolinha de gude	Ponto	Ponto
Biidoro	Vidro	Rabeika	Rabeca
Biriri	Bílis	Rakka	Laca
Buranko	Balanço	Ranbiki	Alambique
Charumela	Charamela	Ribura	Libra
Eansetta	Lanceta	Sabato	Sábado
Furasuko	Frasco	Saboten	Sabonete
Haka	Faca	Sezaru	César
Heitoru	Feitor	Shabon	Sabão
Isoppu	Esopo	Superioresu	Superiores
Jōro	Jarra	Tabako	Tabaco
Kanaru	Canal	Terebenteina	Terebintina
Kan-hora	Cânfora	Toronbeita	Trombeta
Kanibaru	Carnaval	Totan	Tutanaga
Kandeya	Candeia	Unikoru	Unicórnio
Karuta	Carta	Uru	Ouro
Koppu	Copo	Zeneraru	General

CAPÍTULO 4 – AS ARMAS DE FOGO NO JAPÃO

Este capítulo aborda os aspectos mais importantes das intervenções efetuadas pelos comerciantes portugueses no Japão, que foram os primeiros europeus a descobrir fortuitamente a cobiçada Zipangu. É inegável, porém, a contribuição dos missionários jesuítas que chegaram seis anos depois. Além da formação religiosa, os jesuítas dominavam muitas matérias do conhecimento humano e ao lado do trabalho de evangelização, transmitiram muitos ensinamentos de natureza cultural, científica e artística aos seus seguidores locais.

Realmente, a introdução da espingarda teve uma repercussão muito profunda. Chegaram essas armas num momento apropriado e às mãos de pessoas com visão para serem usadas como instrumentos de combate. Embora as armas de fogo, de origem chinesa, já fossem de conhecimento de algumas autoridades, antes da entrada dos exemplares dos portugueses, não tinham causado impacto aos militares japoneses da época, que não se interessaram em difundir o armamento.

Os armeiros tradicionais de espadas e lanças foram requisitados pelos seus senhores, os *daimyō* para produzirem réplicas dos exemplares comprados dos portugueses e, após o aprendizado da técnica de fabricação e seu domínio, passaram a produzir com qualidade e em grande escala, começando por Tanegashima, Sakai, Negoro e Kunitomo, expandindo-se para outras regiões, o que reduziu as importações das armas através dos comerciantes portugueses.

As batalhas civis do Sengoku Jidai, ou Período de guerras serviram de palco para os grandes guerreiros Oda Nobunaga, Toyotomi Hideyoshi e Tokugawa Ieyasu unificarem o país, centralizando o poder do Japão, e para isso as armas de fogo tiveram um papel importante para acelerar o desencadeamento dessa integração das suseranias.

Para a elaboração deste capítulo serviram de fontes básicas de consulta e estudo as obras de dois historiadores que trataram profundamente as questões ligadas às armas de fogo: Hora Tomio e Udagawa Takehisa. Outros autores também forneceram subsídios para a elaboração do trabalho. Conforme consta da Bibliografia apresentada, pode-se citar Suzuki Masaya, Sasaki Minoru, Olof G. Lidin, Noel Perrin, Nanpo Bunshi (Uezuma, Jun-ichirō-versão moderna) e Teresa Canepa.

4.1 O papel e a importância das espingardas introduzidas no Japão

A descoberta do Japão pelos portugueses aconteceu de uma forma acidental. Mas acredita-se que, cedo ou tarde, isso viria a acontecer, devido à circulação dos mercadores europeus na rota Malaca-Macau-Goa. Os ibéricos, principalmente os navegadores portugueses, já antes haviam chegado às Índias, à China e ao sudeste asiático, e praticavam o comércio nos portos comerciais dessas zonas, como Goa, Ceilão (hoje Sri Lanka), Sião (hoje Tailândia), Fuquien, Liampó, Léquias (reino de Ryūkyū- hoje província de Okinawa), Malaca (hoje Malásia). Os *wakō*, mercadores japoneses conhecidos como piratas, circulavam e praticavam o comércio formal ou clandestino nas áreas também exploradas pelos portugueses, havendo versões de que os *wakō* teriam sido os introdutores das armas de fogo no Japão antes dos portugueses.

O Japão situa-se numa zona de ocorrência de muitos fenômenos naturais, como tufões, terremotos e maremotos. Nessa ocasião, em 1543, a chegada dos mercadores portugueses se deu devido a uma forte tempestade que provocou um naufrágio, fazendo com que os sobreviventes chegassem a Nishinomura Ko-ura, na Ilha de Tanegashima, ao sul de Kyūshū.

Sobre a chegada dos portugueses pela primeira vez no Japão, em 1543, há um único documento japonês que relata o acontecimento. É o livro *Teppō-ki* (*Livro das Espingardas*), que foi escrito muito tempo depois do naufrágio e publicado em 1606, portanto, 63 anos depois do evento, pelo monge budista de Satsuma, Dairyūji Nanpo Bunshi (1555-1620), a pedido de Hisatoki (1568-1612), filho do então governador Tanegashima Tokitaka (1528-1579), que havia acolhido os náufragos.

Conta o livro que a embarcação era um junco chinês com cerca de cem pessoas a bordo, em que estavam dois mercadores portugueses de nomes Antonio Mota e Francisco Zeimoto. O junco tinha como comandante um chinês chamado Gohō. Os náufragos foram acolhidos amistosamente pelos moradores de Nishinomura Ko-ura, porém tinham dificuldade de se comunicar. Um morador local, Nishimura Oribejō, entendido da escrita chinesa, conseguiu se comunicar através de uma conversa grafada na areia da praia com o comandante chinês Gohō. Explicou o comandante que as duas pessoas eram bárbaros oriundos dos mares do sul (eram chamados *nanban* em japonês) e eram comerciantes.

Dois dias depois o junco entra no porto de Akaoki e foram recebidos pelo

governador Tanegashima Tokitaka. Havia uma pessoa, de nome Chōshuza, que entendia a língua chinesa e conseguiu se comunicar também com o comandante Gohō. Os portugueses portavam espingardas e fizeram a demonstração de seu manuseio para o governador, provocando bastante interesse deste, que acabou adquirindo dois exemplares.

Nos registros históricos japoneses consta que, antes do aparecimento da espingarda introduzida pelos portugueses, já se tinha conhecimento das armas de fogo, como é referido no tópico seguinte.

Efetivamente, as armas de fogo surgiram na China em fins do século XIII. Sabe-se pelos registros históricos que a pólvora existia na China desde o início do século XI, e que se difundiu pelo mundo. Tem-se referência de que os japoneses se defrontaram com o uso das armas de fogo durante as invasões dos mongóis de Kublai Khan, em 1274 e 1281. A famosa pintura *Mōko shūrai ekotoba* (*Imagem do ataque dos mongóis*), que ilustra a invasão, mostra um artefato explodindo sobre as cabeças de guerreiros japoneses.

Há indicações também de uso das armas de fogo em fins do século XV. Um monge budista registrou em seu diário, em 1466, um ano antes da guerra de Ōnin (1467~1477), e se refere a um representante do reino de Ryūkyū (hoje, província de Okinawa), que visitando o xogun Ashikaga na capital Quioto, deu um tiro de *teppō* no ar, como parte de um ritual ou como um ato de celebração, assombrando os habitantes. Há registros de que, um ano após início da guerra de Ōnin, em 1468, as tropas do leste usaram um tipo de arma manual e portátil em uma das batalhas que se seguiram.

O livro *Hōjō Godai-ki* (*Registro das cinco gerações do clã Hōjō*) relata que, em 1510, foi introduzida no Japão uma duplicata de espingarda chinesa, mas não faz menção de suas características, mostrando que não havia provocado repercussão nos meios militares da época.

O governador Tanegashima Tokitaka, após a aquisição dessas duas armas de fogo, instruiu seu armeiro Yasuitakinbei Kiyosada a aprender a técnica do fabrico da pólvora e a reproduzir uma réplica da espingarda. Dificuldades foram encontradas para a reprodução, principalmente no mecanismo da mola e no fabrico do parafuso. Houve necessidade da assistência de um armeiro português para solucionar esses detalhes de fabricação e montagem. Um ano após a aquisição das primeiras espingardas foi possível obter a ajuda técnica de um armeiro português que aportou em Tanegashima.

A técnica de fabricação da espingarda se propagou rapidamente, e foram

produzidas por armeiros das fábricas japonesas em Sakai e Kunitomo, nas províncias de Ōsaka e Shiga, de hoje, respectivamente, e a sua produção, numa determinada fase do Período Edo, tendo chegado a 150 mil a 200 mil exemplares. Ao longo do tempo o produto foi desenvolvido internamente e o mosquete japonês, conhecido como *hinawa-jū*, passou a ser fabricado de modo que se tornou fácil de produzir e também simples de operar.

No Japão das guerras civis do Sengoku Jidai os mosquetes desempenharam um papel muito importante para a unificação do país, com intervenções de Oda Nobunaga, Toyotomi Hideyoshi e Tokugawa Ieyasu.

Com a centralização do poder por Tokugawa Ieyasu, em 1603, evento que começou o Período Edo, e com a lei Sakoku do Isolamento, decretada pelo seu governo, a produção das armas de fogo caiu em declínio, e em 1700 praticamente não mais havia produção.

A política de Tokugawa era conservadora, com culto das tradições, o que repercutiu até na vida dos samurais, os quais, além das espadas, também portavam armas de fogo. Houve sempre o incentivo ao culto da espada, em conjunto com as armas de fogo. Dentro dessa linha rígida de disciplina imposta pelo governo, tal obediência foi seguida pela sociedade japonesa.

Além disso, o isolamento do país com o exterior e com a paz interna reinante, propiciou o desuso das armas de fogo para fins bélicos e elas se tornaram dispensáveis. Em consequência, até fins do Período Edo, as armas de fogo se tornaram objetos meramente de adorno e se prestavam apenas para serem exibidas em demonstrações de festividades tradicionais. Os armeiros japoneses desenvolveram o produto e vários tipos de espingardas foram produzidos. Muitas armas foram usadas para fins de caça de animais e para proteção de propriedades contra as ações de animais selvagens e segurança das pessoas.

Pode-se assinalar que a introdução das espingardas foi muito importante para o Japão, como citado por Ienaga Saburō em *History of Japan*, (1964). Primeiramente, do ponto de vista político, considera-se que influenciou decisivamente para mudar o curso da história política do país, acelerando o processo de unificação das inúmeras suseranias, começando em 1575, com seu uso na Batalha de Nagashino por Oda Nobunaga contra as forças poderosas do *daimyō* Takeda Katsuyori (1546-1582). Esta unificação territorial e a centralização do poder foi se consolidando com Toyotomi Hideyoshi, sendo decisiva a Batalha de Odawara em 1590. E com Tokugawa Ieyasu, foram finalizadas quando este venceu as forças rivais dos Toyotomi na Batalha de Sekigahara

em 1600.

A partir do uso das espingardas na guerra as técnicas e as táticas de guerra foram radicalmente inovadas. Arcos, lanças e espadas, que eram usadas em combate “um contra um”, transformaram-se em táticas de guerra de ação conjunta e contínua, em que grupos de artilheiros com os mosquetes se alinhavam em grupos, em linha, disparando os tiros rotativamente, pois as armas demoravam para serem postas em combate nas operações de recarga da munição. Assim, os grupos se revejavam para disparar e com isso era possível recarregar sequencialmente sem interrupção dos disparos. Militarmente, isso aumentou o poder ofensivo da infantaria em comparação com a tradicional cavalaria.

Consequentemente, em razão da nova estratégia de guerra, a arquitetura e a construção das edificações que funcionavam como fortalezas tiveram que ser reforçadas para resistir ao ataque de tiros e também dos projéteis de canhões. Essas edificações passaram a ser construídas com materiais de construção sólidos, como pedras, blocos de pedras, areia, argila e argamassa, de forma compacta e maciça, com casamatas, dotando as portas e as pontes reforçadas com elementos metálicos. Os navios também passaram a ser construídos com blindagem metálica e armados com canhões e mosquetes.

Ainda, como consequência, houve a alteração na indumentária dos samurais guerreiros, cujas armaduras receberam a influência europeia no seu fabrico, com modificações de reforço para resistir a tiros e para a defesa, chamada *tōsei gusoku* (armadura de proteção), a partir do final do século XVI. Com o tempo, mesmo sem a interferência dos portugueses, graças à criatividade dos manufatureiros japoneses, foram criadas as vestimentas de proteção tipicamente japonesas tendo como referência a moda europeia. A Figura 7, à página 56, mostra a armadura estilo português adotada pelos guerreiros samurais.

4.2 Origens das armas de fogo no Japão

As armas de fogo introduzidas pelos mercadores portugueses foram as espingardas, assim denominadas pelo missionário jesuíta João Rodrigues (1561-1634) e por Fernão Mendes Pinto (1509-1583), os quais em japonês ficaram conhecidos como *teppō*, palavra que constitui verbete do *Vocabulario da Lingoa de Japam* (1603). Fazendo-se uma analogia com as armas usadas na época na Europa, podia-se classificá-las como arcabuz ou mosquete. No *Vocabulario de Japam declarado primero en portugues por los Padres de la Compañia de Jesus de aquel reyno, y agora en castellano en el Colegio de Santo Thomas de Manila*, editado em Manila, em 1630, traduziu-se o termo *teppō* como escopeta.

Por outro lado, em japonês a palavra *teppō* já era usada há 300 anos, antes da aparição das pequenas armas europeias, pois em 1274 as tropas invasoras do chefe mongol Kublai Khan (neto de Genghis Khan), quando do ataque de suas tropas na Baía de Hakata, em Kyūshū, lançaram um artefato de pólvora (bomba ou granada) dotado internamente de material explosivo, a que os japoneses chamaram de *tetsuhau*. Esse episódio foi desenhado na pintura *Mōko shūrai e-kotoba* (*Imagem do ataque dos mongóis*) onde aparece uma bomba explodindo sobre a cabeça dos guerreiros japoneses. Após isso, armas chinesas primitivas rústicas entraram no Japão e os japoneses as denominaram de *teppō*. Quando as armas foram introduzidas pelos portugueses receberiam o mesmo nome, mesmo estas sendo muito superiores às armas primitivas de origem chinesa.

Sabe-se pela história universal que a pólvora foi inventada pelos chineses em princípios do século XI, e a partir daí ficou conhecida e foi difundida no mundo. Era aplicada em uso militar como mina explosiva enterrada ou como bomba explosiva (granada). Posteriormente, desenvolveu-se um produto para alojar o projétil e proceder o seu disparo. Houve missões do Japão, em visita à Coreia em 1399 e 1407, que assistiram às demonstrações reais de jogo de fogos e que, segundo registros de viagem, provocaram espanto e temor devido ao poder dos artefatos de fogo.

Os japoneses conheceram os portugueses pela primeira vez em 1543. Entretanto, Léquias (reino de Ryūkyū- hoje província de Okinawa), que na época era um reino independente, já se relacionava com os portugueses havia 30 anos antes e, em consequência, já conhecia as armas de fogo e o seu poder de destruição. Os portugueses em 1511 haviam conquistado Malaca e logo após barcos léquios passaram a fazer comércio com essa base comercial portuguesa e também cruzavam

com barcos portugueses nos mares do oriente e do sudeste da Ásia. Isso propiciou Léguas tomar conhecimento das armas de fogo muito antes dos japoneses

Os piratas japoneses, chamados *wakō* e os piratas chineses circulavam também pela área, e existem versões de que a entrada das armas de fogo no Japão tenha ocorrido através das intervenções desses piratas, antes da chegada dos portugueses. Os *wakō* faziam comércio com a China bem como com a Coreia e atuavam também nos mares do oriente e extremo oriente, desempenhando um papel importante no comércio. As armas de fogo, porém, não eram o foco das transações desses piratas comerciantes.

Historiadores japoneses, como Udagawa Takehisa, admitem que antes dos portugueses foram os *wakō* que introduziram as armas de fogo no Japão. Existem registros que mostram isso. Em fins do século XV, um monge budista apontou, no seu diário chamado *Inryōken*, que em 28 de julho de 1466, o uso de arma de fogo por parte de um membro oficial de Léguas para saudar o encontro com o xogum Ashikaga Yoshimasa em Quioto, com um tiro de honra, em celebração ao evento. Esse tiro teria sido de uma espingarda.

Na Guerra de Ōnin, em 1468, as forças militares do lado oriental do clã Hosokawa, contra os de Yamana, usaram armas de fogo manual com dardos lança-chamas, conforme consta no registro de 6 de novembro de 1468 no *Hekizan Nichiroku*, conforme Hora Tomio (1991, p. 39), quando este faz referência às armas primitivas oriundas da China. Em 1524, consta no registro de *Hōjō Godai-ki*, que um monge de Odawara ao passar por Sakai, adquiriu um artefato *teppō* que tinha sido trazido da China em 1510 e que foi presenteado ao daimyō Hōjō Ujitsuna (1487-1541). Este artefato não era de fabricação chinesa, mas originária do sudeste da Ásia, de *design* turco, fato que é considerado como sendo o evento que marca efetivamente a entrada da arma de fogo no Japão.

Além das armas de fogo primitivas foram também desenvolvidas na China armas com cano de calibre grosso conhecidas como bazucas, que também foram introduzidas no Japão.

Em 1539, portanto quatro anos antes das armas introduzidas em Tanegashima, uma comitiva japonesa foi a Pequim, e no dia 21 de outubro, conforme consta nos registros de viagem, foi recepcionada por autoridades militares locais com uma salva de tiros em reverência à visita. Não são conhecidos os pormenores das armas utilizadas nesse evento, no entanto, os relatos não causaram espanto, dando a entender que já eram de conhecimento dos visitantes japoneses.

Supõe-se que no início do século XV, na região de Kyūshū, já se conhecia a técnica das armas de fogo transmitida pelos chineses, pois se fabricava a arma de fogo, com a pólvora necessária para o disparo importada da China, e sabia-se também que o salitre (nitrato de sódio) era um componente principal da pólvora, já preparada nessa região.

Com o naufrágio do junco chinês nas águas de Tanegashima em 1543 os portugueses comerciantes passaram a ser os primeiros ocidentais a aportar no território japonês. Segundo o monge Nanpo Bunshi, em seu livro *Teppō-ki*, o aparecimento dos portugueses em Tanegashima se deu no dia 23 de setembro de 1543 (ano Tenmon 12, 25 de agosto, no calendário japonês). Mesmo as publicações *Genealogia da Família Tanegashima*, bem como da *Família Yasuitakinbei*, armeiro de Tanegashima, estão coerentes com o *Teppō-ki*. Apesar de esse livro ter sido publicado em 1604, mais de 60 anos após o ocorrido, os historiadores consideram-no consistente e confiável, pois teria sido compilado com dados autênticos plenamente seguros.

As fontes estrangeiras dos europeus consideram a primeira chegada dos portugueses como sendo em 1542 ou 1545, segundo publicações existentes. Existem outras fontes japonesas que consideram a data da entrada dos primeiros portugueses como sendo em 1542 e 1543.

No *Teppō-ki*, encontra-se a narração de que a fabricação da réplica do *teppō* começou quando a embarcação veio ao Japão pela segunda vez no fim de 1544 e após, quando já se fabricavam dezenas de exemplares dessas armas no fim de 1545 ou no começo de 1546.

Conforme relato de Antonio Galvão (1490-1557), em 1542, três comandados do capitão Diogo de Freitas, a bordo de um junco chinês, aportavam em Tanegashima e no ano seguinte dois dos três ali retornaram, quando então transmitiram a espingarda para os nativos da ilha, Antonio da Mota, Antonio Peixoto e Francisco Zeimoto, navegando em um junco chinês, a caminho de Liampó (China), enfrentaram uma tempestade de tufão e teriam parado em Tanegashima. Ao voltarem para as suas bases informaram que encontraram um país promissor de comércio, e não se sabe se voltaram para Malaca ou para Timor, mas resolveram voltar a Tanegashima com propósitos de fazer bom negócio e no ano seguinte, em 1543, novamente a bordo de um junco chinês, estiveram pela segunda vez na ilha, desta vez em dois, quando chegaram tranquilamente ao destino. Foi quando transmitiram a espingarda aos nativos de Tanegashima. O protagonista desse feito teria sido o mercador Francisco Zeimoto.

Segundo novos estudos dos historiadores japoneses, a primeira entrada dos portugueses e a consequente descoberta do Japão por eles foi em Akune (costa oeste de Kyūshū, na província de Kagoshima) e não em Tanegashima.

Antonio Galvão, descreve a chegada num lugar de latitude norte 32° nos “Japões”, o que, olhando no mapa corresponde a Akune, mais ao norte de Tanegashima.

Para os japoneses, o mundo na época se restringia apenas ao Japão, China e Índia. Os portugueses, homens desconhecidos, que já habitavam nas terras tropicais do sudeste da Ásia e do oriente, com pele e cabelos queimados pelo sol, eram confundidos com os estrangeiros desse restrito mundo de então, e não chegavam a causar estranheza aos olhos dos nativos japoneses, sendo chamados de “bárbaros do sul” (*nanbanjin*). O porto de Akune era um importante polo de comércio no Japão, que depois passou a ser escala frequente de barcos portugueses e espanhóis.

Segundo relato do livro *Teppō-ki*, a notícia da descoberta de uma nova terra, o Japão, espalhou-se pelo sudeste da Ásia e no ano seguinte, em 1543, dois portugueses em junco chinês desembarcavam novamente no Japão, agora sem tempestade, em Tanegashima, sendo acolhidos pela autoridade local, Nishimura Oribenojō, quando então se introduziu a espingarda aos nativos de Tanegashima. A Figura 9, à página 71, mostra uma réplica das espingardas vendidas pelos portugueses.

A entrada dessas armas de fogo *teppō* (espingardas) pelos portugueses, mesmo não sendo as primeiras a serem introduzidas no Japão, teve o mérito de desencadear uma corrida pela obtenção desses instrumentos para serem usados pelos *daimyō* (suseranos) nas batalhas por todo o Japão, visando a fortalecer militarmente suas tropas.

Figura 9. Tanegashima *teppō*. Réplica de espingarda, o *teppō*, vendida pelos portugueses na Ilha de Tanegashima e depois produzida por armeiro local

4.3 Assimilação da técnica do *teppō* e sua aplicação na unificação do Japão

Antes da chegada das novas armas de fogo no Japão, os combates se davam com arcos e flechas, juntamente com as lanças. Mesmo após a introdução das armas de fogo nas batalhas, os arcos e as flechas continuavam sendo usados como complemento para atingir os inimigos. Mas, segundo o historiador Udagawa Takehisa, na batalha ocorrida em julho de 1558 (Batalha de Ukino), a vitória de Oda Nobunaga se deveu graças a essas armas tradicionais aliadas às novas. Assim, os *teppō* mostraram a sua força, mas não foram motivo suficiente para desprezar totalmente a ação das armas tradicionais.

Convém assinalar que no início esses artefatos serviam como mero objeto de oferta em cerimônias de troca de gentilezas entre os suseranos. No entanto, à medida que foram conhecendo a utilidade desses artefatos como instrumentos de combate, os suseranos se lançaram em busca dessas armas de guerra para se defenderem, atacarem e garantirem ou expandirem seus territórios. Essa demanda provocou a corrida para se armarem com mosquetes e canhões, fato que, conseqüentemente, promoveu a sua produção em quantidade em curto período de tempo, pelos armeiros japoneses.

Desse modo, em cerca de meio século, se instalaram várias oficinas de armeiros em diversas regiões do país, que abasteciam as tropas dos vários suseranos nas suas batalhas. Nas fases intermediárias e no final desse Período de Guerras ou Sengoku Jidai, a indumentária dos guerreiros, as técnicas de combate e as construções dos castelos foram aprimoradas devido à introdução das novas armas.

Há registros disso no *Relato Público de Nobunaga*, que conta as façanhas de Oda Nobunaga. Na batalha de Murakitoride de 1554, já se faz referência ao uso de grupos de *teppō* pela primeira vez e outros de arcos e flechas, e que, a partir de 1568, a utilidade das armas de fogo foi relevante e o seu uso foi se tornando cada vez mais efetivo. A demanda foi crescendo e as encomendas aos armeiros iam se avolumando.

Contavam também com magnatas comerciantes, como Endo de Mino (hoje província de Gifu), a quem foi dada carta de livre comércio para adquirir armas e manter estoques em seus depósitos. Com isso, Nobunaga, que passou a governar também essa região, mantinha o controle das armas em poder desses senhores comerciantes, e quando delas precisasse poderia requisitar e contar com elas. Portanto, Nobunaga podia dispor de grande quantidade de armas em razão da disponibilidade desses magnatas comerciantes de armas de fogo que estavam sob seu domínio.

Ao mesmo tempo em que as espingardas *teppō* eram ativamente empregadas, os canhões também começaram a ser utilizados. Enquanto as espingardas eram usadas no combate homem a homem, pela tropa de infantaria, os canhões, com a função de destruir fortalezas, os obstáculos e as edificações como corpo de artilharia, para abrir caminho e dar acesso aos homens de infantaria e de cavalaria. Nas batalhas do Sengoku Jidai as armas *teppō* e os canhões tiveram um papel muito importante para a integração do Japão, primeiro com as intervenções de Oda Nobunaga e depois com as ações complementares de Toyotomi Hideyoshi, conseguindo integrar as 66 suseranias do Japão antes dividido.

Oda Nobunaga, protagonista principal na promoção da unificação do Japão, mostrou habilidade de grande guerreiro, empregada na Batalha de Nagashino, em 1575, com suas tropas estrategicamente posicionadas munidas de mosquetes, o que culminou na derrota da poderosa cavalaria armada do clã do chefe guerreiro Takeda Shingen, considerada na época a tropa montada mais potente.

Tanegashima foi realmente uma referência importante da origem da produção local de armas de fogo. Era também um porto de passagem de barcos japoneses que aí aportavam na rota para ir à China ou a Léquias (reino de Ryūkyū- hoje província de Okinawa). Com a informação da chegada de um novo armamento, a notícia se espalhou rapidamente pelo Japão. Chegou ao conhecimento também dos monges budistas guerreiros, os chamados *sōhei*, de Negoro de Kishū (hoje província de Wakayama) e também aos ouvidos de comerciantes de Sakai de Izumi (hoje província de Ōsaka), que logo passaram a se mobilizar. O *Teppō-ki* cita que o monge Suginobō (?-1585), do templo Negoro, mandou um enviado para obter essa nova arma.

O governador Tanegashima Tokitaka, de Tanegashima, adquiriu dois exemplares dessas armas dos mercadores portugueses e cedeu um para o monge Suginobō. Também o comerciante Tachibanaya Matasaburō, de Sakai, foi enviado para Tanegashima para em dois anos assimilar toda a técnica de fabricação e manuseio dessa nova arma. Daí, ocorreu também a difusão para outras regiões. Um pouco defasado no tempo, entrou também nesse ofício das armas um armeiro da vila de Kunitomo, da região de Oumi (hoje província de Shiga), que, começando a fabricá-las, mais tarde iria se tornar um grande produtor desse novo armamento.

Com as frequentes entradas de barcos portugueses em Kyūshū, era possível a transmissão de métodos de fabricação dessas armas dos portugueses para os inexperientes armeiros locais. O mais antigo registro histórico da entrada das armas dos portugueses em Tanegashima é o *Nippon Ikkan*. Ele indica também os materiais

usados na sua fabricação e na da pólvora, como o carvão vegetal, o enxofre e o salitre (nitrato de sódio) importado da China ou do Sião (Tailândia).

Em 1546, após três ou quatro anos da introdução das armas pelos portugueses, a notícia também chegou a Goa, através do japonês Anjiro, que tinha conduzido Francisco Xavier ao Japão e que fora batizado católico. Este comunicou a notícia para o diretor do Instituto São Paulo de Goa, Nicolao Lancelotti, que também procedeu a divulgação para os demais mercadores de que a pólvora necessária para o disparo, como sua matéria-prima, o salitre, poderia se tornar produto de comércio.

Os chamados *ashi-garu*, guerreiros de infantaria recrutados entre os camponeses do meio rural, principalmente por Oda Nobunaga, que já usavam as lanças nos campos de batalha também começaram a empregar as armas de fogo, em grupo, e mostraram grande desempenho.

Anteriormente, a cavalaria tomava a iniciativa de combate posicionando-se em frente dos guerreiros tradicionais, arqueiros e homens de lanças. A partir de então, com os grupos de atiradores com armas de fogo, estes abriam as frentes de combate seguidos de perto por tropas de lanças e de arqueiros. Entretanto, com a adoção de armas de fogo, esses grupamentos tradicionais foram perdendo o poderio e a importância. A nova estratégia de guerra com guerreiros atiradores na frente de combate foi aplicada com sucesso em 1575, na Batalha de Nagashino, mostrando uma revolucionária técnica de combate. Em muitos dos combates em que Oda Nobunaga participou sempre se destacou com vitórias pelas quais era mostrada sua genialidade militar como grande estrategista de guerra.

Outro aspecto que deve ser ressaltado com a entrada e o emprego das armas de fogo, leves, portáteis ou grandes, robustas e pesadas, é quanto à defesa, à proteção individual e das edificações, bem como de barcos. O vestuário dos guerreiros passou a ser confeccionado com reforço, tendo suas armaduras sido preparadas para resistir ao impacto dos tiros dos projéteis de chumbo, e as construções dos castelos, das muralhas e das barreiras foram executadas com material mais consistente e resistente às balas de mosquetes e de cargas de canhões. As embarcações tiveram suas construções reforçadas com elementos metálicos e a arquitetura das edificações também mudou. Foi alterada de tal maneira que dificultassem a penetração do invasor. Fossos em volta dos castelos foram previstos para impedir o avanço dos invasores, assim como casamatas e miradouros.

Em fins do Sengoku Jidai, das incessantes batalhas internas, destacou-se um armeiro de nome Kunitomo, que desempenhou um papel importante na produção de

mosquetes. No *Kunitomo Teppō-ki* (*História do teppō Kunitomo*), único documento que relata a história do mosquete de Kunitomo, diz-se que a origem do *teppō* de Tanegashima data de 1543, confirmando a data indicada no *Teppō-ki* de Nanpo Bunshi.

Conta-se em *Kunitomo Teppō-ki* que o mosquete original foi presenteado ao clã Shimazu, daimyō dos territórios de Kagoshima, que por sua vez presenteou-o ao xogum Ashikaga Yoshiaki, de Muromachi. Então, tomando este mosquete como modelo, foi ordenada ao armeiro Kunitomo a produção de réplicas desse modelo. Kunitomo se empenhou a fundo nesse ofício e já no ano seguinte estava consolidada a produção local do mosquete. O envolvimento de Kunitomo com os guerreiros do Sengoku Jidai começa com Oda Nobunaga, que, desde cedo, quando jovem, havia demonstrado muito interesse pelo mosquete, e no campo de batalha havia presenciado o seu uso também como armamento.

Seis anos após a aparição dos *teppō*, Kunitomo recebeu uma encomenda de 500 exemplares por parte de Nobunaga. Graças à demanda crescente, o armeiro progrediu, fortaleceu suas bases e atingiu o sucesso. No início, modestamente, e, pouco a pouco, foi se aproximando cada vez mais de Nobunaga. Em razão da demanda crescente, consolidou-se como armeiro com estrutura para produção em larga escala, quando suas relações ficaram mais próximas de Tokugawa Ieyasu. Ieyasu assegurava o suprimento das armas de fogo através de Ōsaka (especificamente Sakai) e firmou seu controle direto sobre o grupo de armeiros de Kunitomo, que se incumbiu de produzir *teppō* em grande quantidade e também de canhões, promovendo com isso uma estrutura de grande produção. A produção de *teppō* no Japão por Kunitomo havia evoluído tanto que desenvolveu *teppō* sem uso de parafusos, aprimorando o método das armas trazidas pelos portugueses, e tornando-o mais robusto. Sua qualidade foi digna de nota, pois foi considerada muito superior aos de Sakai e Negoro e de outros locais produtores do armamento. A Figura 10, à página 77, mostra as espingardas produzidas por Kunitomo.

Secundariamente, surgiram os centros produtores de *teppō* de Sakai e Negoro. A história de Sakai começa quando o comerciante aprendiz Tachibanaya Matasaburō visitou Tanegashima para aprender o manuseio do *teppō*. Sakai, em Ōsaka, era conhecido pela produção de sinos de templos. Um ferreiro natural de Sakai, de nome Shibatsuji Seiemon, vivia temporariamente em Negoro e aprendeu a técnica de fabrico do *teppō* com o mestre Tsuda Kenmotsu-no-Jō (1499-1568), que possuía um exemplar do *teppō* dos portugueses. Em Sakai, o ferreiro Shibatsuji, com a ajuda de Tachibanaya, manufaturou o primeiro *teppō* em 1544.

Sakai se desenvolveu como porto marítimo e centro industrial-comercial nos séculos XIII e XIV, tornando-se num polo muito importante no século XV. A Guerra de Ōnin marcou a fase áurea de Sakai, devido à sua localização, tornando-se o maior porto do Japão na época. Sakai se tornou também o primeiro produtor de *teppō*. Devido a conflitos com monges guerreiros, os *sōhei*, de Ōsaka, que utilizavam as espingardas de Sakai, durante um período de 10 anos, não gozou do suporte de Nobunaga, que combatia o poder dos templos budistas. Em 1580, quando se estabeleceu a paz, Sakai se tornou um dos principais fornecedores de armas de fogo dando suporte a Nobunaga e a Toyotomi, contribuindo indiretamente para a unificação do país..

Negoro foi um outro importante centro produtor de *teppō*. Com a notícia da chegada das armas de fogo pelos portugueses em Tanegashima, o monge abade Suginobō se interessou pelo instrumento de fogo, que poderia ser aplicado em suas atividades militares, pois, na época, os monges guerreiros, os *sōhei*, eram livres, subordinados apenas ao abade, e não eram sujeitos ao controle, como em Kunitomo e Sakai, e também eram mercenários que atuavam a favor dos suseranos que encomendassem seus serviços.

O abade Suginobō enviou um agente, Tsuda Kenmotsu-no-Jō, para Tanegashima a fim de aprender como fabricar o *teppō*, assim como para manusear a pólvora. Baseados nos conhecimentos adquiridos por Tsuda Kenmotsu, os armeiros de Negoro começaram a produzir essas armas e as tropas de monges guerreiros de Negoro se armaram com essas novas armas. Em 1544, já podiam contar com tais armamentos. Na produção tiveram grande ajuda do conhecido armeiro Shibatsuji Seiemon, de Sakai, e admite-se que Tsuda e Shibatsuji sejam os pais do primeiro *teppō* de Negoro.

Em 1585, depois da capitulação dos *sōhei*, Negoro passou ao controle de Toyotomi Hideyoshi. Posteriormente na derrota e no Período Edo, sob o poder de Tokugawa Iyasu, Negoro juntamente com Sakai e Kunitomo cooperaram na produção de armas leves e de canhões de artilharia. A Figura 11, à página 77, mostra um canhão primitivo fabricado no Japão em fins do século XVI nos domínios do clã Hōjō, de Kantō (região em torno de Tóquio).

Figura 10. Kunitomo *teppō*. Espingarda *teppō* produzida pelo melhor armeiro da época, Kunitomo. Fonte: Acervo do Museu *Teppō* Kunitomo, Shiga

Figura 11. *Taihō*, canhão primitivo fabricado no Japão, em fins do século XVI, nos domínios do clã Hōjō, de Kantō (região em torno de Tóquio)

4.4 Produção e utilidade das armas de fogo no Período Edo

No início do Período Edo, ocorreram conflitos em Ōsaka, quando forças dos remanescentes do clã de Toyotomi entraram em combate contra as forças de Tokugawa Ieyasu em outubro de 1614, na batalha conhecida como Ōsaka Fuyu no Jin.

O castelo de Ōsaka, reduto de Toyotomi, era de construção robusta e resistiu aos ataques das forças do governo Tokugawa. No entanto, no ano seguinte, em abril, quando começou a Batalha de Ōsaka Natsu no Jin, as tropas aliadas ao clã Toyotomi sucumbiram diante dos ataques das forças de Tokugawa, associados à traição de alguns suseranos *daimyō* que incendiaram o castelo. Admite-se, hoje, que as causas da vitória de Tokugawa se deveram muito ao suprimento reforçado de armamento do governo de Tokugawa através do suporte oferecido pelos seus aliados, fiéis suseranos, que colocaram à disposição suas armas e também do suprimento de armas oferecido pelos armeiros, além da importação de canhões estrangeiros recebidos através de mercadores holandeses e ingleses.

De fato, estavam sob controle das forças de Tokugawa as produções de armas dos armeiros de Sakai, de Ōsaka, e de Kunitomo, de Oumi. Os suseranos fiéis ao governo Tokugawa se armaram e mantiveram em seus arsenais grande quantidade de armas em estoque, prontos para combate numa emergência. Graças a essa demanda, os armeiros continuaram integralmente ocupados em manter uma grande produção e, com isso, contribuíram para o progresso da manufatura de armas de fogo no Japão.

Os civis, por sua vez, tinham posse dessas armas para preservar a sua integridade física em segurança contra ataques de predadores, principalmente de animais selvagens, como ursos, javalis, raposas, bem como para proteger suas culturas de campo contra os predadores em suas lavouras e criações de animais.

Tokugawa, preocupado em se armar, teve o primeiro contato com o armeiro Kunitomo em março de 1604, quando o chamou a Edo, dando a missão de fornecer armas para seu arsenal. Essa incumbência foi feita através do mestre especialista em tiro, Inatomi Ichimu (1552-1611), com pedido de grande quantidade de armas, que levou cerca de quatro anos para ser totalmente concluído e entregue. Para dar prioridade a essa demanda do governo, Tokugawa expediu as seguintes ordens para os armeiros:

- os *teppō* teriam que ser produzidos com ordem de Tokugawa e através dos armeiros “veteranos”;

- a fabricação de armas estava proibida quando houvesse pedido de outro interessado, o que era necessário comunicar ao governo;
- a mobilidade de armeiros para outros lugares não era permitida;
- a divulgação da técnica de fabricação das armas, bem como da preparação de pólvora para terceiros também não eram permitidas.

Mantendo o armeiro Kunitomo sob seu controle, com produção exclusiva para o seu governo, Tokugawa ordenou fabricar canhões visando a derrubar o resistente castelo de Ōsaka. A Figura 12, à página 81, mostra um canhão desenvolvido e fabricado no Japão no início do século XVII.

No início do Período Edo, devido aos riscos de revolta das forças contrárias ao governo Tokugawa, a demanda das armas de fogo era considerável. Não só o governo se armou, também os suseranos e os partidários de Tokugawa. Nos conflitos que ocorreram em Ōsaka, nas batalhas de Fuyu no Jin e de Natsu no Jin, estiveram em jogo o confronto de quantidade de armas. Do lado dos Toyotomi contava-se com 100 mil armas, enquanto que do lado dos Tokugawa, com 200 mil armas. Tokugawa ainda dispunha da ajuda de seus partidários: o suserano Uesugi, de Yonezawa de Dewa (hoje região da província de Yamagata), cedeu para Tokugawa um total de 1.400 armas; o suserano Date cedeu 3.420 armas; o suserano Satake, de Akita, cedeu 30 canhões e “bazucas”, entre outras ajudas. Tratavam-se, entretanto, de empréstimos cujo critério era em função do porte dos domínios de cada suserano. Com isso, consequentemente, as forças do governo Tokugawa conseguiram reunir uma grande quantidade de armas. Depois do término das batalhas de Natsu no Jin, os suseranos estavam recebendo de volta as suas armas que haviam sido cedidas a Tokugawa. Foi um conflito, portanto, envolvendo muitas armas, tanto de um lado como de outro.

Após esses conflitos no início do Período Edo, não mais houve batalhas no período, e as armas não mais apareceram, ficando guardadas nos arsenais dos castelos e somente vistas em treinamentos para adestramento dentro do âmbito militar.

Ao mesmo tempo em que terminava a Idade Média da História Japonesa, assinalava-se também o fim da era do uso massivo do *teppō* como instrumento de guerra e também da sua produção. Existem versões que apontam o abandono total do *teppō* nessa era. Uma delas é referida em *Giving up the Gun – Japan's Reversion to the sword, 1543-1879*, do norte-americano Noel Perrin (1927-2004), versão que causou grande repercussão. O historiador japonês Udagawa Takehisa, comentando o conteúdo dessa obra, diz que não se trata de uma publicação de pesquisa histórica, e

que o livro de Perrin apresenta imprecisões e pontos de vista questionáveis. Alega, ainda, que Perrin se baseou em fontes não muito confiáveis de estudiosos japoneses, não se cuidando da precisão dos fatos e dando uma visão distorcida dos acontecimentos.

Udagawa aponta, primeiramente, a questão da denominação da arma de fogo que originariamente se chamou de *tanegashima* e que posteriormente passou a se chamar de forma geral de *teppō*, o que não corresponde à verdade, pois tinham armas com nome de *tetsuhau*, *tebiya*, *tanegashimatou*, por exemplo, cada uma com suas características próprias, não podendo ser generalizadas.

Udagawa também assinala que, quando houve a segunda invasão das tropas de Toyotomi Hideyoshi à Coreia, os guerreiros coreanos já portavam armas de fogo que eram cópias das japonesas, fabricadas a partir daquelas capturadas dos guerreiros japoneses quando da primeira invasão, e quando enfrentaram os invasores japoneses e os dominaram. Fato considerado não verdadeiro, pois a retirada das tropas de Toyotomi se deu em razão de ordem que partiu de Hideyoshi e não por expulsão, e sendo também duvidoso o desempenho das armas copiadas pelos coreanos, pois apresentavam muitas falhas técnicas.

Uma terceira crítica do historiador japonês diz respeito ao abandono das armas de fogo pelos japoneses, sobre o que Perrin se perguntava: enquanto a Europa se desenvolvia com suas armas de fogo, por que o Japão não foi adiante? Haveriam, então cinco prováveis motivos:

- primeiro, o Japão não conseguia fazer o controle das armas de fogo;
- segundo, por razões geográficas e políticas;
- terceiro, o pensamento japonês com relação à espada;
- quarto, a atitude do japonês com relação a ideia do ocidental;
- quinto, o senso estético.

De acordo com Udagawa Takehisa, logo que surgiu a arma de fogo *teppō*, até o início da Idade Moderna, os japoneses aprenderam a utilizá-la nos combates do Sengoku Jidai, pelos suseranos, e à medida que as batalhas se tornavam maiores, o volume do armamento também tomava vulto. Paralelamente, promoveu-se o desenvolvimento de canhões, cujo emprego, nas batalhas do castelo de Ōsaka Fuyu no Jin e Natsu no Jin, foi decisivo para fazer capitular as forças dos remanescentes do clã Toyotomi.

Quanto à questão da falta de controle de armas de fogo referida no livro de Perrin, o historiador japonês também afirma não ser verdadeira, pois Tokugawa mantinha sob seu controle os dois principais produtores de armas, que eram os armeiros Kunitomo de Oumi (província de Shiga) e Sakai de Izumi (província de Ōsaka). O retorno à tradição da espada, citado por Perrin, também foge da realidade, pois, mesmo com o avanço do uso das armas de fogo, o japonês jamais desprezou e abandonou a espada. No meio militar, o adestramento e a prática da técnica da espada sempre existiram, mesmo na fase intensa do emprego das armas de fogo. Mesmo na fase pacífica do Período Edo, aprimoramentos no disparo das armas de fogo continuaram, assim como dos canhões de grosso calibre, além da pesquisa no desenvolvimento da pólvora.

Os suseranos sempre se armaram, mantendo seus arsenais plenos dessas armas, prontas para intervir em caso de necessidade. Os samurais, com a missão de prestar serviços a seu suserano, eram treinados com os mestres em tiro, os *teppō-shi*. Os civis também tinham acesso a essas armas visando a sua integridade física contra ataques de animais selvagens, como ursos, javalis, raposas, bem como preservar suas culturas de campo contra invasões de animais selvagens em suas lavouras e criações.

Figura 12. *Taihō*, canhão desenvolvido e fabricado no Japão, no início do século XVII. Fonte: Acervo Yūshūkan

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença dos portugueses no Japão a partir de 1543 foi muito oportuna. Foram os primeiros ocidentais que os japoneses conheceram. Eram de mundos diferentes. Para os japoneses, o mundo se resumia em China, Coreia, Índia e Japão. Do encontro com os portugueses souberam que o mundo era maior e que do outro lado existiam muitos outros povos e muitas culturas diferentes.

Apesar de a chegada dos portugueses ao Japão ter sido acidental, o arquipélago japonês iria ser descoberto, mais tempo menos tempo, por causa do ímpeto dos navegadores portugueses desejosos por descobrir novas terras, conquistar novos polos de comércio, novas fontes de riquezas, ainda dentro da fase europeia da chamada Grandes Navegações. Realmente, a Escola de Sagres formou grandes navegadores e, no período de um século, os portugueses se aventuraram pelos mares desconhecidos e foram descobrindo novas terras, seguindo o Oceano Atlântico ao longo da costa africana e depois o Oceano Índico.

Do outro lado do mundo, no cenário do ocidente, continuavam os conflitos de ordem religiosa, e, mesmo dentro do cristianismo, católicos e protestantes lutavam para fazer prevalecer a hegemonia, à custa de lutas sangrentas envolvendo vários países da Europa. Politicamente, portugueses e espanhóis, os protagonistas das Grandes Navegações, que tomaram a dianteira na disputa pelos mares, usufruíram muito dessas conquistas com grandes ganhos no comércio. Embora tenham tido posse de riquezas e prestígio, não impuseram seu domínio político perante outros países do mundo ocidental e foram aos poucos perdendo as suas forças e caindo em decadência, cedendo o espaço e o poderio para outros, como a Holanda e a Inglaterra, principalmente.

No lado oriental, o Japão, recém-descoberto por portugueses, atravessava um período conturbado de lutas internas entre as suseranias num país desintegrado, resultado do clima de anarquia e desgoverno. Tal clima propiciava a tendência para a degradação da ética, da moral e da disciplina feudal, ensejando ações de traições em todos os níveis em busca de *status*, de posições, de conquistas. Eram sacerdotes budistas, os *sōhei*, ou monges guerreiros, os *ashi-garu*, ou camponeses guerreiros, os *ji-samurai*, ou os samurais regionais, dentro de um movimento chamado *gekokujō*, que favoreceu o aparecimento de novos líderes, das escalas sociais dos de baixo galgando postos superiores.

As lutas internas, começadas em 1467, foram desencadeadas pela Guerra de Ōnin, que, partindo de um conflito doméstico pela sucessão entre os clãs ligados ao xogum Ashikaga, do xogunato Muromachi, redundou no envolvimento generalizado das inúmeras suseranias de todo o país. Essa batalha, que terminou em 1477, não teve vencedores, mas provocou a propagação das lutas por todo o país até 1590.

Na época havia um imperador, Gotsuchimikado (1442-1500), que praticamente não governava o país. Era uma figura simbólica, passiva, mas respeitado como a autoridade suprema do país. Efetivamente, era o xogunato Muromachi com o seu xogum Ashikaga Yoshimasa, nomeado pelo próprio imperador, que governava o país, composto de inúmeras suseranias, com seus suseranos submissos ao xogum. Entretanto, devido à incapacidade do xogum, que não tinha competência e autoridade para manter o controle das suseranias, criou-se um clima de anarquia e de desgoverno,

As religiões xintoísta e budista coexistiam na vida dos japoneses. Devido ao ambiente de degradação ética e moral reinante no meio, monges budistas também se degradaram e já não inspiravam confiança e o respeito da população.

Este foi o cenário do Japão visto pelos portugueses, na época de seu envolvimento com os japoneses em meados do século XVI. Para os japoneses, foi um momento propício para integrar o país, que estava desmembrado e degradado moral e espiritualmente. Com a introdução das armas de fogo, desencadeou-se a derrota das forças opositoras a Oda Nobunaga visando à unificação do país, o que indiretamente disciplinou a religião budista combatendo os monges guerreiros dos templos, que, com as armas em punho, tinham se desvirtuado de seus ofícios religiosos em busca de desejos materiais. A unificação e a centralização do poder se consolidou com Toyotomi Hideyoshi.

Os missionários jesuítas portugueses entraram no Japão, portanto, num momento próprio para exercer o seu ofício religioso de evangelizar os nativos, incrédulos da religião budista, pela má conduta de seus sacerdotes.

Para os portugueses, a época da descoberta do Japão correspondia quase que ao fim da fase das Grandes Navegações, pois já se viam sinais de debilidade por parte da Coroa portuguesa, que não dava a devida importância à descoberta do Zipangu, cobiçada pelo mundo ocidental da época, ficando as ações a mercê de mercadores particulares independentes sem a interferência do governo português.

A chegada dos portugueses também foi oportuna no sentido de justamente ocorrer quando as relações de comércio entre o Japão e a China estavam

interrompidas. Assim, os mercadores portugueses entraram no meio e serviram de intermediários entre esses dois grandes mercados de comércio do extremo oriente.

Portugal e Espanha constituíam na época das Grandes Navegações as duas grandes potências mundiais, mas foram perdendo a sua hegemonia no cenário do mundo ocidental e outros países começaram a despontar, como Holanda e Inglaterra. Portugal, perdendo a sua força, em 1580 passava para o domínio espanhol, com a união das Coroas, o que perdurou até 1640. Como consequência, não mostrava ânimo para reagir e disputar com os holandeses e a hegemonia no oriente e extremo oriente, perdendo até o direito exclusivo de fazer comércio com o Japão. Desse modo, perdeu muitas terras conquistadas na África e na Ásia só conseguindo manter sob seu domínio as terras do Oceano Atlântico, o Brasil entre elas.

Em resumo, a estada dos portugueses no Japão foi de 96 anos, de 1543 a 1639. Pode-se considerar que o período de permanência foi curto, porém o legado deixado pelos portugueses foi muito significativo, não só pela introdução das armas de fogo, que acelerou o fim das guerras, a integração das suseranias e a unificação do país, interferindo favoravelmente para mudar o rumo da história japonesa, mas também porque as contribuições espirituais, culturais, científicas, artísticas por meio dos missionários, mercadores e navegadores criaram raízes na cultura japonesa, abriram o Japão ao mundo e serviram de base para formar os substratos para receber a cultura ocidental-europeia da Idade Moderna, após a reabertura para o exterior.

BIBLIOGRAFIA

- ANESAKI, Masaharu. **History of Japanese Religion with Special Reference to the Social and Moral Life of the Nation**. Tōkyō: Tuttle, 1964.
- _____. **Religion Life of the Japanese People**. Tōkyō: Kokusai Bunka Shinkōkai, 1961.
- ARIMA, Seiho. **The Western Influence on Japanese Military Science, Shipbuilding and Navigation**. Tōkyō: Center for East Asian Cultural Studies, 1964.
- AYUSAWA, Shintarō. **Geography and Japanese Knowledge of World Geography**. Monumenta Nipponica, v.19. Tōkyō: Sophia University, 1964.
- BITŌ, Masahide. **Nihon Bunka no Rekishi (História da Cultura Japonesa)**. Tōkyō: Iwanami, 2000.
- BOXER, Charles Ralph. **The Christian Century in Japan 1549-1650**. Los Angeles: University of California Press, 1993.
- _____. **Fidalgos no Extremo Oriente 1550-1770**. Macau: Fundação Oriente e Centro de Estudos de Macau, 1968.
- _____. **O Império Marítimo Português 1415 - 1825**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- _____. **A Igreja Militante e a Expansão Ibérica 1440 - 1770**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BUNSHI, Nanpo. Teppō-ki (Livro das Espingardas). In TOCHINAI, Sōjirō (org.). **Yōjin Nihon tanken nenpyō. (Cronologia de Pesquisa Estrangeira sobre o Japão)**. Tōkyō: Iwanami shoten, 1929.
- CAMBRIDGE HISTORY OF JAPAN, **Vol.4 Early Modern Japan**. New York: Cambridge University Press, 2006
- CANEPA, Teresa. **Espingarda de Mecha (Teppō)**. Londres: Jorge Welsh Books Publishers and Booksellers, 2008.
- CABEZAS, Antonio. **El Siglo Iberico de Japón**. Valladolid: Secretariado de Publicaciones - Universidad de Valladolid, Instituto de Estudios Japoneses, 1995.
- COSTA, João Paulo Oliveira. **A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses**. Lisboa: Instituto Cultural de Macau/Instituto de História de Além-Mar, 1995.
- _____. **Portugal e o Japão; o Século Nanban**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.
- _____. **A Influência dos Portugueses na História do Japão**. Lisboa: Encontro Portugal - Japão/Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.
- _____. **O Japão e o Cristianismo no Século XVI**; Ensaios de História Luso-Nipônica. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999.
- _____. **Os Portugueses no Japão - Portugal no Mundo**, vol. IV. Lisboa: Alfa, 1989.

- _____, LACERDA, Teresa. **A Interculturalidade na Expansão Portuguesa (Séculos XV - XVIII)**. Lisboa: Paulinas Editora, 2007.
- DIFFIE, Bailey. W. **Foundations of the Portuguese Empire 1415-1580**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.
- DOI, Tadao. **Gairaigo Kenkyū (Pesquisa de Termos Estrangeiros)** 3: 7-22; On the Terminology of the Jesuits in Japan. Tōkyō: Sanseidō, 1971.
- _____. **Meiji Taishō Kokugogaku Shomotsu Kaisetsu (Explicações de Publicações de Linguística nas Eras Meiji e Taishō)**. Tōkyō: Iwanami Shoten, 1972.
- _____; MORITA, Takeshi; CHONAN Minoru. **Nippo Jisho Hon-yaku (Tradução do Dicionário Japonês-Português)**. Tōkyō: Iwanami Shoten, 1980 (1603).
- ENCYCLOPEDIA SCHOOL NIPPONICA - **Nippon to Sekai no Rekishi (História do Japão e do Mundo)**. Tōkyō: Shōgakukan, 1974.
- ENCYCLOPEDIA OF CONTEMPORARY KNOWLEDGE - **Daijiten Desk (Balcão do Grande Dicionário)**. Tōkyō: Kōdansha, 1983.
- FONSECA, Fernando V. Peixoto da. **A Influência da Língua Portuguesa no Vocabulário Japonês**. Lisboa: Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa 19, 1968.
- FRÓIS, Luís de. **Historia de Iapam**. Lisboa: Biblioteca da Ajuda, 1976-1984.
- FUJIKI, Kunihiro. **History of Japan**. Tōkyō: AOTS, 1969.
- HENSHAL, Kenneth. **A History of Japan**. London: Palgrave Macmillan, 2004.
- HIGASHIBABA, Ikuo. **Cristianity in Early Modern Japan**. Brill: Leiden, Boston and Köln, 2001.
- HIGUCHI, Kyoyuki. **Taberu Nippon-shi (História do Comer no Japão)**. Tōkyō: Asahi Bunko, 1996.
- HIROSE, Hideo. **The Influence of European Culture on Japanese Astronomy**. Tōkyō: Center for East Asian Cultural Studies, 1964.
- HORA, Tomio. **Teppō Denrai to Sono Eikyō (Introdução da Espingarda e sua Influência)**. Kyōto: Shibunkaku Shuppan, 1991.
- IENAGA, Saburō. **Nihon Bunka-shi (História Cultural do Japão)**. Tōkyō: Iwanami Shoten, 1959.
- JANEIRA, Armando Martins. **O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.
- _____. **Figuras de Silêncio**. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1981.
- KITAHARA, Michio. **Portuguese Colonialism and Japanese Slaves**. Tōkyō: Kadensha, 2013.
- KITAJIMA, Masamoto. **Nihon-shi Gaisetsu (Síntese da História do Japão)**. Tōkyō: Iwanami, 1971 (vol. II), 1972 (vol. III).
- KOGA, Jūjirō. **Koga Jūjirō Gairaigo Shūran (Coletânea de Termos Estrangeiros Jūjirō Koga)**. Nagasaki: Bunkensha, 2000.

- LIDIN, Olof G. **Tanegashima**. Copenhagen: NIAS Press, 2004.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero. **Os Metais Preciosos, o Ouro Chinês e a Prata Japonesa**. In org. História da Expansão Portuguesa, v. I. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998.
- MANSON, Richard H.P.; CAIGER, John. G. **A History of Japan**. Tōkyō: Tuttle Publishing, 1972.
- MATSUDA, Kiichi. **Nanbanjin no Nippon (O Japão dos Bárbaros do Sul)**. Tōkyō: Chūō Kōronsha, 1982.
- _____. **The Relations between Portugal and Japan**. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965.
- _____; KAWATA, Momota (versão conjunta). **Furoisu Nipponshi (História do Japão de Fróis)**. Tōkyō: Chūō Kōronsha, 1977-1980.
- MATTOSO, José. Nagasaki, **Património de Origem Portuguesa no Mundo - Arquitectura e Urbanismo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- MIKI, Tamon. **The Influence of Western Culture on Japanese Art**. Tōkyō: Center for East Asian Cultural Studies, 1964.
- MIYANAGA, Takashi. **Nippon Yōgakushi (História Japonesa de Estudos Ocidentais)** - Nanban Gogaku no Akebono (O Nascer do Idioma dos Bárbaros do Sul). Tōkyō: Sanshūsha, 2004.
- MORAN, J.F. **The Language Barrier and the Early Jesuits in Japan**. Scotland: University of Stirling – Scottish Centre for Japanese Studies, 1992.
- NAKAMURA, Hajime. **A History of the Development of Japanese Thought**. Tōkyō: Kokusai Bunka Shinkōkai, 1967.
- NAKAYAMA, Shigeru. **A History of Japanese Astronomy**. Cambridge: Harvard University Press, 1969.
- NANPO Bunshi, UEZUMA, Jun-ichirō (versão atualizada). **Teppō-ki. (Livro das Espingardas)**. Tōkyō: Kotenkyōyō Bunko, 2013.
- NORTON, Luís. **Portugueses no Japão, 1543-1640**. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, Divisão de Publicações e Biblioteca, 1952.
- OKADA, Akio. **A History of Japan II, Nanban Shidan (Histórico dos Bárbaros do Sul)**. Tōkyō: Jinbutsu Raisha, 1967.
- PERES, Damião. **História dos Descobrimentos Portugueses**. Porto: Vertente, 1992.
- PERRIN, Noel. **Giving up the Gun**. Boston: David R. Godine Publisher, 1988.
- PINTO, Fernão Mendes. **Peregrinação**. Lisboa: Ferreira, 1908-1910.
- SAMSON, George. **A History of Japan**. Tōkyō: Charles E. Tuttle Company, 1987.
- SASAKI, Minoru. **Hinawajū no Denrai Gijutsu (Introdução da Técnica das espingardas)**. Tōkyō: Yoshikawakō Bunkan, 2003.
- SCHILLING, Dorotheus. **Os Portugueses e a Introdução da Medicina no Japão**. Coimbra: Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1937.
- SCHURHAMMER, Georg, S.J. **Orientalia**. Institutum Historicum Societas Iesu. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963.

- STANLEY, Amy. **Selling Women: Prostitution, Markets and the Household in Early Modern Japan**. California: University of California Press, 2012.
- SUZUKI, Masaya. **Teppō to Nipponjin (As Espingardas e os Japoneses)**. Tōkyō: Yosensha, 2000.
- THOMAZ, Luís Felipe. **Nanban Jins: Os Portugueses no Japão**. Lisboa: CTT Correios, 1993.
- _____. **De Ceuta a Timor**. Lisboa: Dife, 1994.
- TOTMAN, Conrad. **Early Modern Japan**. California: University of California Press, 1995.
- TSUJI, Tetsuo. **Nihon no Kagaku-shisō (Pensamento Científico do Japão)**. Tōkyō: Chuko, 1973.
- TUGE, Hideomi. **Historical Development of Science and Technology in Japan**. Tōkyō: Kokusai Bunka Shinkōkai, 1961.
- TURNBULL, Stephen. **War in Japan 1467 – 1615**. Oxford: Osprey Publishing, 2002.
- _____. **Japanese Castles 1540 - 1640**. Oxford : Osprey Publishing 2003.
- UDAGAWA, Takehisa. Comentários sobre Teppō-ki (Livro das Espingardas), de Nanpo Bunshi, 1606. In Nihon no Bijutsu 11 (Artes do Japão) - **Teppō to Ishibiya (As Espingardas e os Canhões)**. Tōkyō: Shibundō, 1998.
- _____. **Teppō ni Miru Nanban Bunka no Tōrai (Chegada da Cultura dos Bárbaros do Sul com a Chegada das Espingardas)**. In Rekishigaku Kenkyū (Pesquisa de Estudos Históricos) Nº 785, 2004.
- _____. **Teppō to Sengoku Gassen (As Espingardas e as Batalhas das Guerras Cívicas)**. Rekishi Bunka Raiburarii 146 (Arquivo 146 de Cultura Histórica). Tōkyō: Yoshikawakō Bunkan, 2002.
- _____. **Teppō Denrai (Introdução da Espingarda)**. Tōkyō: Kōdansha, 2013.
- _____. **Teppō Denrai no Nipponshi (História Japonesa da Introdução da Espingarda)**. Tōkyō: Yoshikawakō Bunkan, 2007.
- UMEKITA, Michio. **Xavier wo tsurete kita otoko (O Homem que Trouxe Xavier)**, Tōkyō: Shinchō Sensho, 1993
- VALIGNANO, Alessandro. Sumario de las Cosas del Japón. In: TALADRIZ, J. C. Alvarez. **Monumenta Nipponica Monographs**, v.9. Tōkyō: Sophia University, 1954.
- VARLEY, Paul. **Japanese Culture**. Honolulu: Hawaii University Press, 2000.
- YAMAMURA, Kogo; ASAO, Naohiro. **The Cambridge History of Japan**. New York: Cambridge University Press, 2006.
- YAMASHIRO, José. **Choque Luso no Japão dos Séculos XVI e XVII**. São Paulo: IBRASA, 1989.
- YUSA, Michiko. **Japanese Religious Traditions**. London: Pearson Publishing, 2002.

ANEXOS

CRONOLOGIA

Serão relacionados os fatos relevantes dos cenários históricos do Império colonial português e do cenário histórico japonês. Apresenta-se a cronologia de interesse do lado japonês e do lado português.

Do lado japonês:

- 1260 Kublai Khan, neto de Gengis Khan, torna-se soberano de Gen (China, Mongólia)
- 1271 Viagem de Marco Polo a China e retorno a Itália em 1295
- 1274 Invasão dos mongóis, de Kublai Khan, ao Japão, frustrada por tempestade
- 1281 Segunda invasão dos mongóis ao Japão, frustrada novamente por tempestade
- 1333 Início da Era Nanbokuchō com Ashikaga Takauji
- 1392 Início da Era Muromachi com Ashikaga Yoshimitsu
- 1467 Início do Sengoku Jidai com guerras civis até 1590, com a Guerra de Ōnin
- 1543 Portugueses, através de três mercadores, aportam no Japão em Tanegashima
- 1549 Padre Francisco Xavier inicia o trabalho de catequização do catolicismo no Japão
- 1558 “Toyotomi” Hideyoshi, ex- Kinoshita Tokichirō, presta serviços a Oda Nobunaga
- 1560 Oda Nobunaga derrota Imagawa Yoshimoto na batalha Okehazama (Kantō), e ganha renome de grande guerreiro
- 1562 Oda Nobunaga alia-se a Tokugawa Ieyasu
- 1568 Oda Nobunaga dá ajuda a Ashikaga Yoshiaki, que se torna Xogum em Kyōto
- 1569 Oda Nobunaga toma a cidade de Sakai, em Ōsaka
- 1570 Oda Nobunaga luta contra os sōheis (monges-guerrilheiros) do templo budista Jōdo Shinshū ao longo de uma década
- 1571 Oda Nobunaga destrói o QG da seita budista Tendai, em Enryakuji, em Hiei-zan
- 1572 Oda Nobunaga mantém o xogum Ashikaga Yoshiaki no castelo Nijō, Kyōto; destrói grande parte da cidade e destitui Ashikaga Yoshiaki
- 1573 Queda de Ashikaga Yoshiaki (fim da Era Muromachi) e início da Era Azuchi-Momoyama, com Oda Nobunaga
- 1575 Oda Nobunaga derrota Katsuyori Takeda na Batalha de Nagashino
- 1576 Nobunaga vai a Azuchi, constrói seu castelo, reunifica boa parte do Japão
- 1580 Navios comerciais ingleses chegam a Hirado, Nagasaki
- 1582 Missão de visita de quatro adolescentes cristãos japoneses a Roma, como

- embaixadores do Japão, e retornam em 1590, enviados pelos daimyōs Ōtomo, Ōmura e Arima por sugestão do padre jesuíta Alessandro Valignano
- 1582 Morte de Oda Nobunaga por traição de Akechi Mitsuhide, comandante e vassalo de Nobunaga; “Hashiba” Hideyoshi vinga a morte matando Mitsuhide na Batalha de Yamazaki, e o castelo de Azuchi de Nobunaga é incendiado
- 1583 “Hashiba” Hideyoshi invade o castelo de Ōsaka
- 1584 Navios comerciais espanhóis chegam a Hirado
- 1585 “Hashiba” Hideyoshi recebe o título de Kanpaku (Assistente Chefe do Imperador Oogimachi Tennō) e adota o nome de Toyotomi
- 1587 Toyotomi Hideyoshi proíbe a religião cristã através de ordem de proibição
- 1588 Toyotomi Hideyoshi promulga a ordem *katana gari* quando proíbe o uso de armas, com exceção de samurais, e confisca as armas dos civis
- 1590 Toyotomi Hideyoshi promove a unificação do país com a Batalha de Odawara
- 1592 Toyotomi Hideyoshi invade a Coreia
- 1596 Incidente do naufrágio do barco San Felipe nas costas de Shikoku e insinuação de ameaça do missionário náufrago sobre o destino do Japão
- 1597 Sacrifício de 26 missionários católicos mártires em Nagasaki (em represália)
- 1597 Toyotomi Hideyoshi invade a Coreia pela segunda vez
- 1598 Morte de Hideyoshi e retirada das tropas japonesas da Coreia
- 1600 Batalha de Sekigahara onde Ieyasu derrota o chefe Ishida Mitsunari, aliado do clã Toyotomi e outros daimyōs contrários à ascensão de Ieyasu ao poder
- 1603 Início da Era Edo, com Tokugawa Ieyasu em Edo
- 1609 Em Hirado permite-se o comércio com os holandeses
- 1612 Tokugawa emite outra ordem proibindo a religião católica no Japão
- 1615 Restringe as embarcações destinadas ao comércio
- 1616 Só se permite comércio através dos portos de Nagasaki e Hirado
- 1624 Proíbe a vinda de espanhóis
- 1633 Restrição de navegação de barcos japoneses ao exterior e retorno de japoneses residentes no exterior
- 1635 Transferência dos portugueses para Dejima, permissão de entrada de navios estrangeiros só por Nagasaki, proibição de japoneses para saída ou retorno ao país
- 1637 Levante dos camponeses e devotos católicos em Shimabara (Nagasaki)
- 1639 Tokugawa proíbe a permanência e a vinda de portugueses ao Japão e institui a política de isolamento, denominada lei Sakoku

Do lado português:

- 1415 Portugueses conquistam Ceuta em Marrocos
- 1419 Criação da Escola de Sagres (Astronomia, Navegação e Geografia)
- 1488 Navegante português Bartolomeu Dias chega ao Cabo da Boa Esperança
- 1492 Navegante italiano Cristovão Colombo descobre a América (nas Bahamas)
- 1494 Assinatura do Tratado de Tordesilhas, acordo entre Espanha e Portugal, sobre as descobertas marítimas, suas exploração e colonização
- 1497 Navegante português Vasco da Gama descobre o Caminho das Índias
- 1500 Navegante português Pedro Álvares Cabral descobre o Brasil
- 1510 Portugueses conquistam Goa, Índia
- 1511 Portugueses conquistam Malaca (hoje Malásia)
- 1517 Portugueses conquistam Macau, China
- 1519 A mando da Espanha navegante português Fernão de Magalhães inicia a volta ao mundo, saindo da Espanha, passando por Rio de Janeiro, Rio da Prata, Estreito de “Magalhães”, Filipinas, África-Cabo Verde e Espanha, completando a circum-navegação com navegante Sebastián Delcano (1522)
- 1522 Revisão do Tratado de Tordesilhas após a viagem de circum-navegação
- 1543 Mercadores portugueses aportam em Tanegashima, Kyūshū, descobrem o Japão
- 1549 Padre Francisco Xavier chega em Kagoshima, dando início à catequização do catolicismo no Japão avançando até a capital Miyako Kyōto
- 1557 Instalação oficial da base comercial de Macau na China
- 1565 Espanha começa a colonização nas Filipinas, 45 anos após incursão por Fernão de Magalhães
- 1580 Portugal e seu Império colonial passam para o domínio espanhol (União Ibérica)
- 1581 Holanda, que estava sob domínio espanhol, torna-se independente
- 1597 Guerra luso-holandesa começa com ataque a São Tomé e Príncipe, África
- 1603 Nau portuguesa *Santa Catarina* capturada pelos holandeses em Singapura
- 1603 Incursão dos holandeses na Bahia até 1625
- 1605 Mercadores holandeses capturam forte português de Ambão nas Ilhas Molucas (hoje Indonésia)
- 1619 Holandeses conquistam Jacarta (Batavia) nas Molucas, que se torna base comercial holandesa
- 1630 Incursões posteriores dos holandeses e também em 1641, no nordeste brasileiro, mas expulsos em 1654

- 1638 Holandeses conquistam São Jorge da Mina na Guiné (África)
- 1639 Declínio português na Ásia e no Oriente e retirada dos portugueses do Japão
- 1640 Fim do domínio espanhol sobre os portugueses (fim da União Ibérica)
- 1641 Malaca, importante polo comercial português, é tomada pelos holandeses
- 1642 Axim (Gana) na África é conquistada pelos holandeses
- 1650 Holandeses tomam o Cabo da Boa Esperança
- 1658 Ceilão é tomado pelos holandeses
- 1661 Tratado de Paz de Haia, Portugal aceita as perdas na Ásia

GLOSSÁRIO

Anjiro: auxiliar do padre Francisco Xavier, que se chamava Ikehata Yajiro, que se apostatou após ser pressionado por monges budistas e se tornou *wakō*

Ashigaru: guerreiros improvisados, recrutados entre os camponeses para serem equipados e armados para a guerra, a serviço de senhor feudal

Bakufu: governo do xogunato comandado pelo seu chefe xogum

Bangai shuyō: coletânea sumária de conhecimentos médicos, escrita em 1619 por Yamamoto Gensen, discípulo de Luís de Almeida, médico licenciado

Bankoku sōzu: mapa universal do mundo, publicado em 1645, baseado no mapa de Matteo Ricci, padre jesuíta

Bushi: outra denominação de samurai, guerreiro

Chōshusa: pessoa de Tanegashima, conhecedor do idioma chinês, que serviu de intérprete do navegante do juncos chinês Gohō

Daimyō: denominação de chefe da suserania, possuidor de um território de terras

Danka: certidão de apostasia emitido por templos budistas, para identificar possíveis pessoas não budistas, no início do xogunato Tokugawa

Dejima: Vila e porto, dentro da cidade de Nagasaki, onde se confinou os estrangeiros holandeses para realizar o único comércio, na era do isolamento imposto pelo governo de Tokugawa

Dōjukus: adeptos japoneses católicos, auxiliares dos missionários jesuítas, nas atividades religiosas e domésticas

Edo: capital do Japão, hoje Tōkyō, durante a era do xogunato Tokugawa

Eta: classe social da sociedade japonesa, abaixo da classe mais humilde, devido a sua condição genealógica hereditária, existente na época

Fides no doxi: publicação doutrinária elaborada pelos missionários jesuítas

Fuyu no jin: conflito entre as forças do governo Tokugawa e as de oposição dos aliados do clã Toyotomi, no começo do ano de 1615, em Ōsaka

Gekokujō: movimento de mobilidade social e de gestão das suseranias

Genna kōkaisho: livro náutico da era Genna, escrito em 1618 por Ikeda Kōun, baseado na prática com navegadores portugueses

Ginkakuji: templo prateado, construído em Kyōto, pelo xogun Yoshimasa Ashikaga, à semelhança do templo Kinkakuji, feito pelo seu avô

Gobugyō: um grupo político formado por daimyōs, após fim das guerras civis do Sengoku Jidai, 1590

Godairō: um grupo político superior dos poderosos daimyōs, após fim das guerras civis do Sengoku Jidai, 1590

Gohō: comandante chinês do barco junco que transportava os náufragos comerciantes portugueses que descobriram o Japão

Heike monogatari: contos de Heike, impresso em caracteres latinos roma-ji

Hekizan nichiroku: registro de 6 de novembro de 1468 de uso de armas de fogo primitivas da China na Guerra de Ōnin, com dardos lança-chamas

Hinawa-jū: arma de fogo em que se empregava mecha para a queima da pólvora

Hinin: classe social da sociedade japonesa, abaixo da classe mais humilde, devido a sua condição de ocupação

Hōjō Godai-ki: Registro da Genealogia do clã Hōjō, que relata a introdução de uma arma de fogo chinesa em 1510 no Japão

Honshū: maior ilha do arquipélago japonês, ilha principal

Honzō- Gaku: estudo das ervas, tratado de aplicação de ervas, aplicação praticada pelos monges budistas

Ikki: grupo formado por ji-samurais para mútua proteção

Ikki-ikkō: grupo formado por ji-samurais, ashigarus e monges guerrilheiros

Ikko: seita religiosa budista que pregava a violência pelos sōheis

Inatomi ryū kajutsu: tratado de artilharia de Inatomi, elaborado por Inatomi Ichimu de técnica militar e emprego de material bélico

Ji-samurai: nova classe de donos de terra, que formaram grupos ikki para mútua defesa

Jōdo shinshū: um dos ramos da seita budista japonesa

Kakure kirishitan: cristão católico escondido, para se proteger e fugir das

perseguições dos governantes, na prática da sua fé

Kami: Deus

Kamikaze: vento divino, que dizimou as tropas de Kublai Khan nas duas invasões dos mongóis em 1274 e 1281, protegendo o Japão

Kanpaku: alto cargo imposto a um daimyō, pelo imperador para ajudá-lo na gestão do governo

Kanpō igaku: medicina chinesa introduzida da China em meados do século VI

Katana gari: medida adotada na política de Hideyoshi, em 1588, proibindo a posse de armas por civis, camponeses e monges

Kenkon bensetsu: (ciência do universo) explica, em 1615, a teoria da esfericidade da Terra, pela primeira vez

Ki: energia

Kinkakuji: templo dourado construído por Ashikaga Yoshimitsu, em Kyōto

Kinku shū: coleção de provérbios impressos em caracteres latinos roma-ji

Miyako: denominação de metrópole, que era Kyōto capital

Mōko shūrai e-kotoba: título do quadro que ilustra a imagem do ataque das tropas mongóis de Kublai Khan quando da invasão ao Japão

Nanban geka hidensho: tradição secreta de cirurgia nanban, livro escrito por Cristovão Ferreira, naturalizado japonês com nome de Sawano Chūan

Nanban igaku: medicina ocidental introduzida pelos portugueses, aplicada com ervas e drogas asiáticas, por Tomé Pires e Garcia de Orta

Nanban ryū: escola de medicina cirúrgica, passada pelo médico licenciado Luís de Almeida

Nanbanjin: homens bárbaros do sul, como os portugueses eram conhecidos no Japão

Nanpo Bunshi: monge que escreveu o livro *Teppō-ki*, compilando registros fornecidos pelo clã Tanegashima

Natsu no Jin: conflito entre forças do governo Tokugawa e as de oposição dos aliados do clã Toyotomi, em fins de 1614, em Ōsaka

Nijō (castelo): castelo construído em Kyōto, que abrigou o Xogum Yoshiaki Ashikaga

Nippo jisho: dicionário japonês-português com 32 mil vocábulos, compilado pelo padre

João Rodrigues

Nippon daibunten: manual de gramática do padre João Rodrigues

Nippon ikkan: obra do pesquisador chinês Teishunkō, de 1555, mais antigo registro histórico da entrada das espingardas dos portugueses, os materiais na sua fabricação e no preparo da pólvora

Okehazama: lugar onde se deu a batalha vitoriosa de Nobunaga, perto de Owari, Nagoya

Ōnin: período da história japonesa de 1467 a 1468, quando era imperador Gotsuchimikado, e que marcou o início da Guerra de Ōnin

Ryūkyū: denominação antiga de Okinawa

Sakoku: política adotada por Tokugawa, de isolamento do Japão com o mundo

Sengoku: guerras civis internas entre suseranias desintegradas do Japão de 1467 a 1590

Sengoku Jidai: época das guerras civis internas do Japão desintegrado

Senmyō: calendário astronômico introduzido da China, adotado em 862 durante 8 séculos até a era Edo

Shōkokuji: templo budista zen, ao norte de Kyōto construído pelo xogum Ashikaga Yoshimitsu

Shukan (kubi-maki): suplemento do relato histórico de Oda Nobunaga

Sōhei: monges budistas guerreiros com tropas armadas

Taiheiki: crônica da grande pacificação, impressa em caracteres latinos roma-ji

Tanegashima teppō: espingarda produzida em Tanegashima

Tebiya: artefato lança-chamas

Tendai: uma das seitas budistas japonesas da época do Sengoku

Tenryūji: o maior dos templos budistas zen de Kyōto

Tenshu kaku: torre construída na posição central de castelos

Teppō: denominação da espingarda, do mosquete

Teppō-ki: livro japonês das espingardas, que fez o registro da entrada de arma de fogo pelos portugueses por Nanpo Bunshi

Tetsuhau: granada

Tōsei gusoku: armadura de proteção de reforço, de defesa dos guerreiros para resistir a tiros e ataques dos oponentes

Wakan roei shū: coleção de poesia nipo-chinesa impressa em caracteres latinos roma-ji

Wakō: piratas japoneses que circulavam nas costas do continente chinês e nos mares do Sudeste Asiático

Xogum: chefe guerreiro nomeado pelo imperador para conduzir o xogunato

Yodo: nome de rio que atravessa Kyōto

Zen: um dos ramos da seita budista japonesa

Zipangu: denominação do Japão, referido por Marco Polo, quando de sua estada na China e citado no seu livro de viagens pelo continente chinês

LISTA DE FIGURAS

1. p. 19 *Ashigaru*, camponeses recrutados no campo, equipados com armamento, e no trabalho rural
2. p. 22 Batalha de Nagashino (1575). Arranjo de paliçadas e uso de *ashigaru* com *teppō*. Batalha vitoriosa de Oda Nobunaga com habilidade estratégica de combate com armas de fogo
3. p. 29 Rotas das navegações e descobrimentos portugueses e espanhóis nos séculos XV e XVI
4. p. 35 Mapa de Kyūshū em fins do século XVI, com maior presença portuguesa
5. p. 42 Rota do Padre Francisco Xavier em 1549, a partir de Kagoshima pelo Japão e pontos atingidos pelos missionários jesuítas
6. p. 56 Manto português de veludo do *daimyō* Uesugi Kenshin
7. p. 56 Armadura estilo português, com peitoral de proteção dupla metálica, reforçada com elementos metálicos, costura em feltro grosso do pescoço ao braço
8. p. 56 Biombo de jovem usando rosário como ornamento no “Matsuura Byōbu”
9. p. 71 Tanegashima *teppō*. Réplica de espingarda, o *teppō*, vendida pelos portugueses na Ilha de Tanegashima e depois produzida por armeiro local
10. p. 77 Kunitomo *teppō*. Espingarda *teppō* produzida pelo melhor armeiro da época, Kunitomo
11. p. 77 *Taihō*, canhão primitivo fabricado no Japão em fins do século XVI nos domínios do clã Hōjō de Kantō (região em torno de Tóquio)
12. p. 81 *Taihō*, canhão desenvolvido e fabricado no Japão, no início do século XVII

LISTA DE QUADROS

- I. pp. 28/29 Quadro de fatos da decadência do Império colonial português
- II. pp. 60/61 Quadro de vocábulos religiosos
- III. pp. 61/62 Quadro de vocábulos geográficos, de navegação, de vestuário, de alimentação
- IV. p. 62 Quadro de vocábulos diversos